

O GLOBO  
SPORTIVO

ANO XIV 2 52 Nº 677

DESCOBRIDOR

*de*  
*cragues*

*Cd \$*  
*3.00*

**AMILCAR**

**E A LEI DO  
MÍNIMO ESFORÇO**



**OS MELHORES  
em NÚMEROS**

IMPRESSÃO  
FABRIL  
S. PAULO

# ATHIÉ

Athié Jorge Coury foi um dos grandes arqueiros do passado. Ao tempo de Tuffi Neuquem, dividiam os dois as honras do selecionado paulista e as simpatias da torcida siria. Era um quiper de grande classe, que impressionava pelo estilo e pela elegância de uniforme e atitudes.

Athié começou no Esporte Clube Sirio, de São Paulo, em 1925. Em 1927 ingressou no Santos F. C., onde ficou em atividade até 1935, encerrando então a sua carreira de futebolista.

Deixando as quatro linhas dos campos, Athié não se afastou, porém, do futebol. Continuou firme no Santos F. C. emprestando o seu concurso em vários cargos de direção. Como atualmente, que é o presidente do clube da Vild Belmiro e é também deputado estadual em São Paulo. Cargo que conseguiu com os votos do seu prestígio desportivo.

Scratchman paulista por várias vezes e também scratchman brasileiro. Athié teve uma das suas maiores satisfações quando levantou o campeonato brasileiro de 1926, formando o tria final com Grane e Del Debbia. Isso porque em S. Paulo a APEA estava ameaçada de ser tragada pela LAF, mas com a vitória no campeonato brasileiro ficou mais forte e acabou tragando a LAF.

A popularidade de Athié era explorada até pelas firmas comerciais e uma empresa que lançou uma marca de cigarros "Santos Futebol Clube" distribuiu uns versinhos assim: "É o ótimo arqueiro Athié - Grande elemento do time - Que prefere 'S. F. C.' - Por ser a marca sublime" Isso em agosto de 1928



É o ótimo arqueiro Athié Grande elemento do time Que prefere "S. F. C." Por ser a marca sublime



De JORGE LEAL

## NESTE NÚMERO

	Página		Página
Bola na rede.....	3	Bilhetes do Leitor.....	16
A torcida e o topete.....	4	A cor me fez campeão.....	18
Vitória do Flamengo.....	6	Músculos em desfile.....	20
Tudo azul para Veludo.....	8	Os maiores do futebol carioca.....	22
Amílcar e a lei do mínimo esforço.....	10	A maior vítima do campeonato.....	24
O maior gol de Nívio.....	10	Na capa: Rafanelli. Contra-capas: Trio final do Botafogo. Nas capas internas: Sobral, por Gutemberg, e Torbis, por Otelio.	
Os melhores em números.....	12		
Descobridor de craques.....	14-15		

### DOIS DEDOS DE PROSA

Os maus exemplos, infelizmente, frutificam com muito maior facilidade. Os belos gestos e as atitudes dignas chamam menos atenção. As lamentáveis e deprimentes cenas de indisciplina, pelo escândalo que provocam, despertam a curiosidade pública. Embaixadas como essa do Deportivo de Cali, que esteve em nossa capital e depois foi à São Paulo, deveriam ter seu ingresso proibido, no Brasil. O Deportivo de Cali é um autêntico "Circo". Impera a desorganização, alastrando-se a indisciplina. O Diretor Esportivo não tem a menor força moral sobre os profissionais que integram seu plantel. O técnico, uma boa pessoa, viu pela primeira vez jogar o vice-campeão colombiano. O verdadeiro coach, Carlos Peucelle, não pôde vir e à última hora teve de ser arranjado Orlandini. Ninguém se respeita. Os craques "argentino-colombianos" do Deportivo encontravam-se em Buenos Aires, licenciados, passando as férias em visita às suas respectivas famílias, desde o dia quinze de dezembro. Lá permaneceram e comemoraram os festejos do Natal e Ano Novo. Não havia condução para transportar a delegação, Buenos Aires-Rio. Foi solicitado um avião especial da Panair, que deixou esta capital, sendo que o Constellation foi vazio, retornando com trinta e um passageiros "extras", da capital portenha. Tão desorganizada foi a temporada, que a "embaixada-circo" do Deportivo Cali aqui chegou viajando em avião de outra empresa aérea. Tudo assim, a base de improvisação, como o próprio futebol que eles praticam. Culminando, para confirmar as observações constatadas pelo reporter logo à primeira vista, com aquela agressão vergonhosa de Sastre em Feliciani. E, mais tarde, o agredido transformando-se em agressor, no vestiário. Aos berros de:



— "Lárgue-me yo mato ése cochino"!...  
Contido por dirigentes e vários companheiros, repetindo desesperado:  
— "Larguem-me, eu mato esse porco"!...  
Achamos que os dirigentes dos nossos clubes deveriam ter mais zelo pelo futebol brasileiro. Os empresários estrangeiros poderão comprometer a nossa educação esportiva, quando é imprescindível preservá-la, a toda força e ao preço de qualquer sacrifício.

### GOLS E DECRETOS

O Fluminense conquistou o título máximo do Campeonato Carioca, vencendo seus adversários assinalando gols. Tentos e mais tentos, todos normais, comuns, consignados dentro dos noventa minutos regulamentares de um jogo. Agora, o tricolor já está tratando de reforçar bas-

stante o seu plantel de profissionais, com as vistas inteiramente voltadas para o Torneio Rio-São Paulo. Idênticos esforços vêm sendo desenvolvidos pelo Vasco, Flamengo e Bangu. O Botafogo, todavia, prefere aguardar até ao fim a decisão do "caso" Genuino - Madureira. Na

hipótese pouco viável de vencer a questão, o alvi-negro — o "Glorioso" não tem culpa da situação em que o estão colocando — preferirá, por certo, graças a Carlito Rocha, continuar trocando os gols pelos decretos...

### AUTOMÓVEL E LARANJA

Por ocasião do apronto do Flamengo para o jogo contra o Deportivo de Cali, o técnico Flávio Costa, referindo-se à epidemia de automóveis adquiridos pelos jogadores do Fluminense, nos últimos dias que antecederam a conquista do título máximo do campeonato, fez a seguinte blague:

— Lá agora é assim: com-

pra-se automóvel como se fosse laranja. O vendedor de laranjas quando vai passando ao longe e a gente chama "psiu", "psiu"...

— Traz uma pra mim.

— Outra pra mim.

— Eu também quero...

E concluiu: lá agora parece ser assim, com automóveis...

### INFLUÊNCIA DE HELENO...

Para muitos, a agressão de Sastre ao seu companheiro Feliciani, em plena cancha, e a consequente desforra do agredido, que passou a agressor, mais tarde, no vestiário, são "consequências".

— Consequências? De que?

— Do período em que Heleno de Freitas passou no futebol colombiano, contaminando a todos...

### TIJOLO E A EXPULSÃO DE SASTRE

Carlos de Oliveira Monteiro expulsou de campo o médio-direito Oscar Sastre, depois da agressão a pontapés ao seu próprio companheiro de equipe, o guardião Laureano Feliciani. Foram gerais os protestos dos craques "argentino-colombianos" do De-

portivo de Cali. Eles, os integrantes do vice-campeão colombiano, eram unânimes em alegar que fora um incidente entre jogadores do mesmo quadro, sem maiores consequências para o destino do jogo. E que, particularmente, fugia à alçada do árbitro.

Tijolo comentou, então, na presença do repórter:

— Se o filho mata o pai, não deve ser criminoso igual aos outros? Pelo simples fato do assassinado ser da mesma família, dentro desse raciocínio, não deverá ser preso o assassino?...

### DE MURGEL A PINHEIRO

Outra boa blague de Flávio Costa foi aquela da noite de sexta-feira p. p. Estava reunido o Conselho Arbitral da F. M. F., a portas fechadas, para tratar do "caso" do Torneio Rio-S. Paulo. E o Professor (sem aspar) foi buscar o presidente Gilberto Cardoso para a recepção que os dois dirigentes do A. I. K., ora entre nós, prestariam na Legação da Suécia aos diretores do Flamengo. Enquanto o funcionário Leôncio abria a porta, para dar ciência ao presidente rubro-negro da presença de Flávio, este palestrou ligeiramente com a reportagem, no corredor.

— Além do Rio-São Paulo, eles fizeram um apêlo, finalmente atendido, para a continuação do Sr. Luiz Murgel como vice-presidente dos desportos amadoristas do Fluminense e representante do tricolor junto à F. M. F.

Outro reporter:

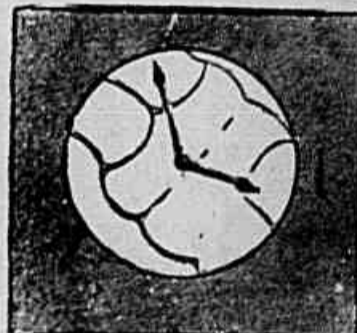
— Eles não querem é perder um orador oficial tão brilhante como o sabe ser Luiz Murgel. Apesar de médico cardiologista, não há dúvida de que parece o melhor dos advogados nas reuniões da entidade...

E Flávio interveio:

— Ele, na F. M. F., e o Pinheiro, na grande area, foi que deram o título máximo ao Fluminense...

### Um minuto de ineditismo

Ocorreu exatamente quando transcorria o décimo quinto minuto de jogo da etapa complementar do internacional Flamengo x Deportivo de Cali. Falhou o zagueiro Charine, capitão da equipe visitante, possibilitando a Adãozinho estender aquele magnífico passe a Esquerdinha. Antecipou-se o médio Sastre e interceptou a trajetória da bola, travando-a. Não atrasou para o arqueiro Feliciani, nem este saiu do gol para recolher o balão. Da indecisão, nasceu o gol de Esquerdinha, que vinha por dentro e passou a correr por fora (nada de misturar turfe com futebol), atirando inapelavelmente. Feliciani reclamou do companheiro, responsabilizando-o pelo tento. Sastre deixou que ele se virasse para atingi-lo a pontapés, pelas costas. Correram todos e Charine dominou Sastres, não sem antes recorrer a um violento sóco, para "acalmar" o companheiro. Foi um minuto de ineditismo. Jamais viramos cenas tão deprimentes iguais àquelas. Companheiros engalinharem-se assim, em plena cancha, em flagrante desrespeito às autoridades, ao juiz, em particular, e ao público desportivo de um modo geral.



### BENÍCIO, A FAMÍLIA E O FLUMINENSE

Desde o clássico de encerramento do retorno, o Sr. Benício Ferreira Filho, diretor de futebol do Fluminense, vivia fazendo promessas semanais à sua família. No caso, suas filhas.

— Vamos ganhar o título máximo amanhã. E na semana vindoura ficarei à disposição de vocês, para cinemas e passeios.

Acontece que o Fluminense perdeu e houve necessidade da "melhor de três". Repetiu-se a pro-

messa. Triunfou o tricolor, no primeiro jogo, repetindo Benício mais uma vez — pela terceira consecutiva — a promessa.

— Mas não adiantou coisa alguma. As vésperas da batalha que decidiu o Campeonato, temendo ser preciso a "finalíssima", minhas filhas foram esperar-me à saída do trabalho. E tive de levá-las ao cinema naquele dia mesmo. Para em seguida, às pressas, dar um pulinho até a concentração...



**O**NDINO Viera precisava de um grande goleiro para o seu quadro e foi buscar em São Paulo o arqueiro do Ipiranga. Muitos, alegando que o grande técnico tinha olho clínico, adiantavam que se Ondino trouxera Osvaldo é porque ele de fato tinha qualidades para um esquadrao. E esses comentários decorreram naturalmente do tempo de adaptação que foi exigido a Osvaldo, até que ficasse em condições de estreiar no certame carioca. Mas o caso é que tudo foi motivado por uma série de contusões, retardando cada vez mais a conquista da forma técnica definitiva. Mas acontece, entretanto, que se Osvaldo era praticamente um desconhecido para a platéia do Rio, o mesmo não acontecia em São Paulo, onde

ele já havia firmado um cartaz definitivo. Faltava-lhe a oportunidade de um grande clube, e essa chegou com o Bangu. Defendendo o arco banguense, Osvaldo conquistou rapidamente um grande nome, talvez uma projeção maior mesmo do que tenha desejado... É que a torcida carioca, sempre irreverente, não deixou passar o porte atlético e o ar de galã, com topete e tudo, de Osvaldo. Logo surgiram os apelidos — Osvaldo Beleza, Galã, etc. — e não demorou muito para que o estádio todo chegasse à conclusão de que deveria fazer "fi-fiu" assim que ele entrasse em campo. Osvaldo a princípio ficou surpreso, porque sempre tivera aquele topete; e nunca os torcedores paulistas haviam feito isso. Mas afinal acabou se conformando, e os fi-fius têm servido para incentivá-lo. Deu certo mesmo, porque, nos últimos jogos do certame, Osvaldo atingiu a excelente apuro técnico, justificando plenamente a convicção de Ondino, quando o foi buscar na Paulicéia.

LOGO DE SAIDA, VALENDO POR QUATRO...

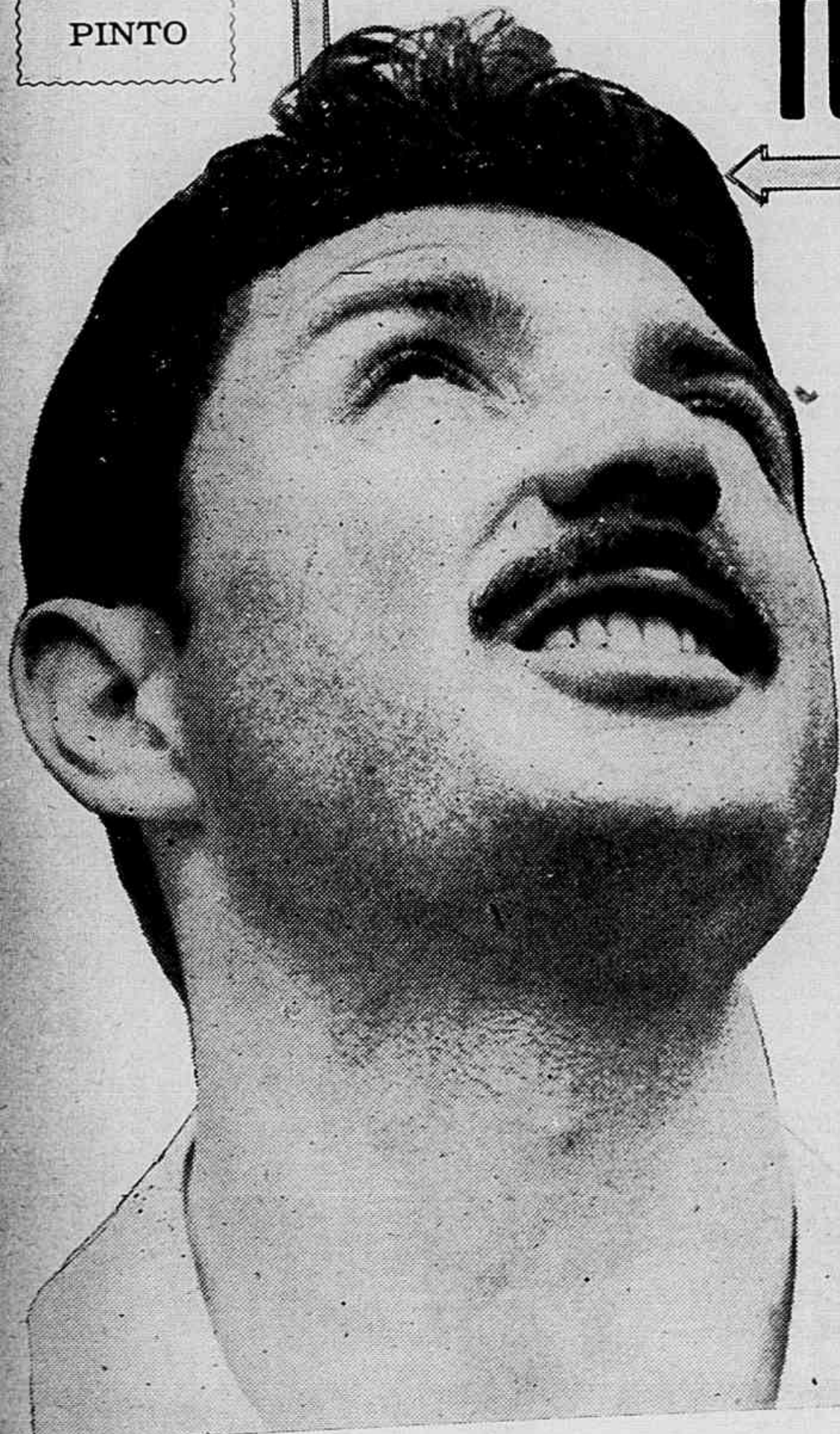
**N**ÃO será novidade dizer que Osvaldo é um rapaz preparado, formado em odontologia e até hoje, apesar do lugar que o futebol tomou em sua vida, estudioso. Por sinal que o estudo e o futebol em sua vida sempre andaram em estreita relação,



Osvaldo e a temporada do Bangu. Parecia mesmo um europeu.

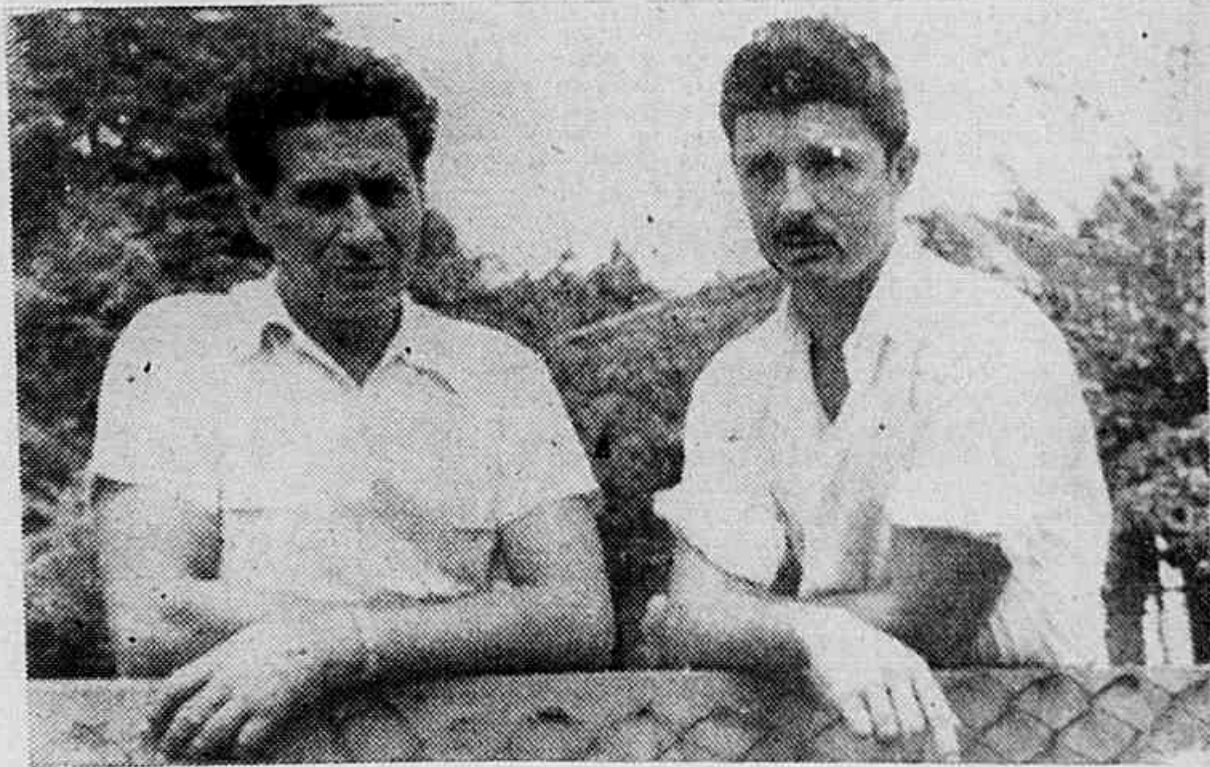
Texto  
de  
JOSE  
LUIZ  
PINTO

# A torcida e o TOPETE



mas jamais um atrapalhou o outro. Nunca deixou de estudar por causa do futebol, mas sempre encontrou jeito de poder jogar. Estudava no Liceu Salesiano de Campinas, sendo sua cidade natal Americana. E como estudava jogava futebol nos domingos, sendo seu clube o Guanabara, que pertencia à Liga Campineira e, naquela época (1942), atuava contra o Guarani e o Ponte Preta, hoje na primeira divisão paulista. Tinha só quinze anos então, mas, desenvolvido desde cedo, já atuava nas partidas de primeiro quadro. Falamos no Guanabara, mas esse não foi realmente o seu primeiro clube, pois que antes de ir ao Colégio já jogava em Americana, pelo Rio Branco. Jogava, tam-

bém é quase força de expressão, porque a questão é que, atuando num quadro inferior do clube, como meia direita, mas às vezes brincando no goal, um dia ficou mesmo como goleiro. Houve um quiper machucado e logo os companheiros decidiram que ele devia ir para o arco. Foi e, para azar seu, pegou tudo. Azar porque ele não gostava do gol como até hoje não gosta. Reputa a posição mais difícil e a mais infeliz num quadro de futebol. Mas o fato é que os outros — e não ele — decidiram que dali em diante ele seria arqueiro. Foram até pedir ao pai para deixar que ele passasse para o quadro de cima. Isso aconteceu, mas a época era de amistosos, e Osvaldo participou de duas dessas partidas pelo Rio Branco. Foi quando o Guanabara quis conquistá-lo e, para que não houvesse dúvida sobre o interesse que tinha o clube sobre o jogador, propôs ao Rio Branco trocar quatro de seus jogadores por Osvaldo. E além dos quatro, a renda de um jogo...



Ondino conhecia de sobra a classe do guardião do Ipiranga.



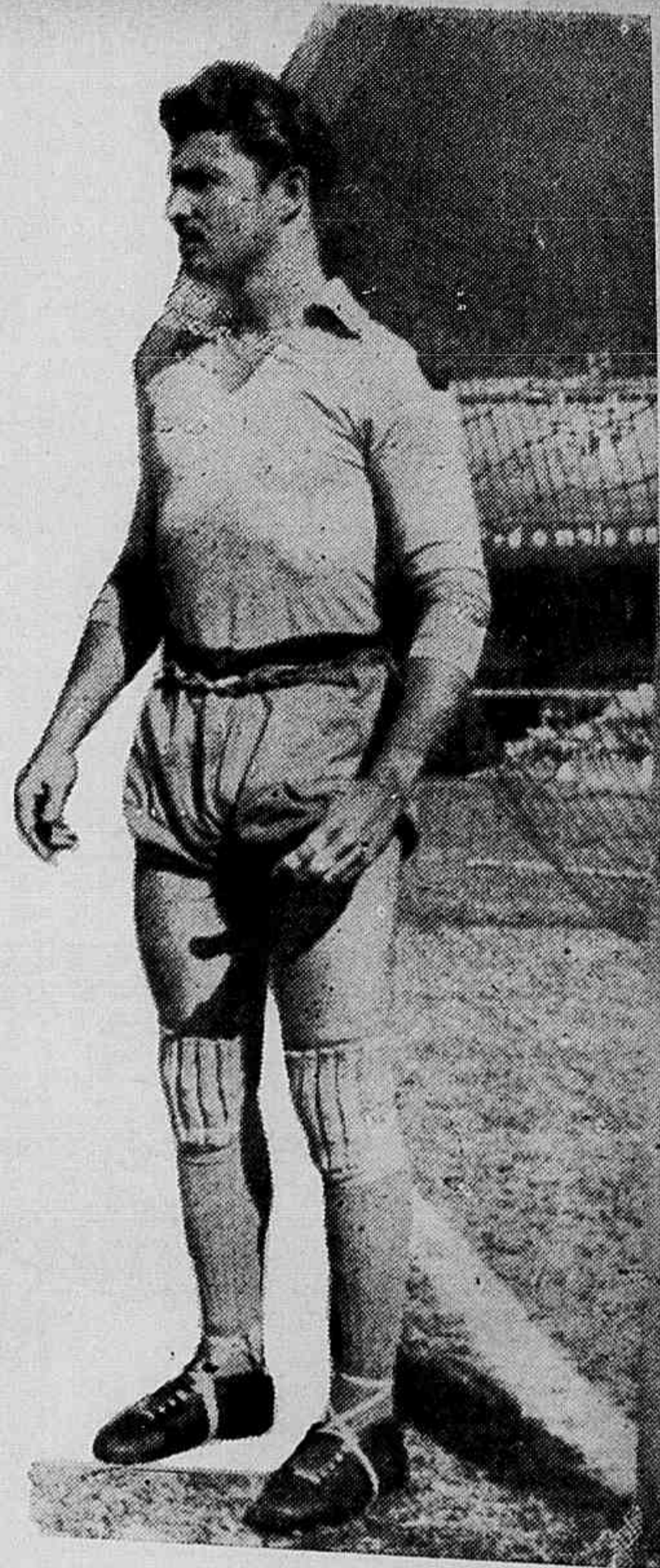
*Não. Não há comparação com Ferdinando... foi só para a fotografia.*

**S**IM, Osvaldo foi para o Ipiranga com o objetivo de substituir Barbosa, quando o goleiro da seleção nacional veio para o Vasco. Mas ainda falta muito para que cheguemos a esse ponto, pois que nesta altura da reportagem Osvaldo havia sido trocado por quatro jogadores. Ficou um ano no Guanabara, jogando inclusive contra elementos hoje famosos, como Brandãozinho e Nininho e o Silas que esteve aqui no Fluminense. Mas quando completou o curso ginásial, retornou ao Rio Branco, da sua cidade de Americana. E como faltavam dois jogos para terminar o campeonato, jogou-os, sagrando-se campeão. E foram esses mesmos os dois jogos oficiais no quadro da terra, pois logo o Ipiranga ficou sem Barbosa e o foi buscar. Deve-se acentuar que Osvaldo só aceitou depois que toda a sua situação ficou definitivamente esclarecida. Nesse interim, havia entrado para a faculdade de odontologia, em Araraquara, e não estava disposto, em hipótese alguma, a abandonar os estudos, mesmo face a uma proposta tentadora. E o Ipiranga, que precisava d'ele, acabou

concordando em que Osvaldo ficasse numa situação de liberdade relativamente aos estudos. Então, estudando e treinando em Araraquara, Osvaldo só embarcava para São Paulo nos próprios dias de jogo. Tomava o trem às 5,30 horas, para chegar a São Paulo por volta das 11 horas, jogar e retornar à noite. Ganhava então 800 cruzeiros e tinha aquelas contínuas viagens todas pagas pelo clube. Essa situação, entretanto, não poderia perdurar durante muito tempo, e como mantivesse seu ponto de vista, a única solução encontrada pelo Ipiranga foi conseguir sua transferência para a universidade de São Paulo. E nessa mesma ocasião foi firmado o novo contrato, agora já em bases bem mais elevadas, ou seja, percebendo o goleiro cerca de mil e oitocentos cruzeiros mensais. Transcorreram os dois anos, entre o estudo e as defesas aos domingos, até que chegou, ao mesmo tempo, ao fim do curso e do contrato. Osvaldo sempre pensou com muito mais seriedade na sua carreira superior do que propriamente no futebol, e, quando se viu formado e com o contrato terminado, externou logo seus desejos de deixar o futebol. Mas como afinal ele tinha mais pretendentes ao seu curso como jogador, do que clientes para o consultório dentário, acabou cedendo às cifras altas. Corinthians, Portuguesa, Palmeiras e São Paulo tentaram obter o seu passe, mas o Ipiranga não fez preço para ele. Então, para solucionar o impasse, Osvaldo propôs a renovação do contrato, recebendo cento e vinte mil cruzeiros por mais dois anos, com a condição de que o preço do passe ficasse estipulado no contrato. E ficou assentado então que em 1950 seu passe custaria somente setenta e dois mil cruzeiros.

O FUTEBOL VENCE O PRIMEIRO ROUND

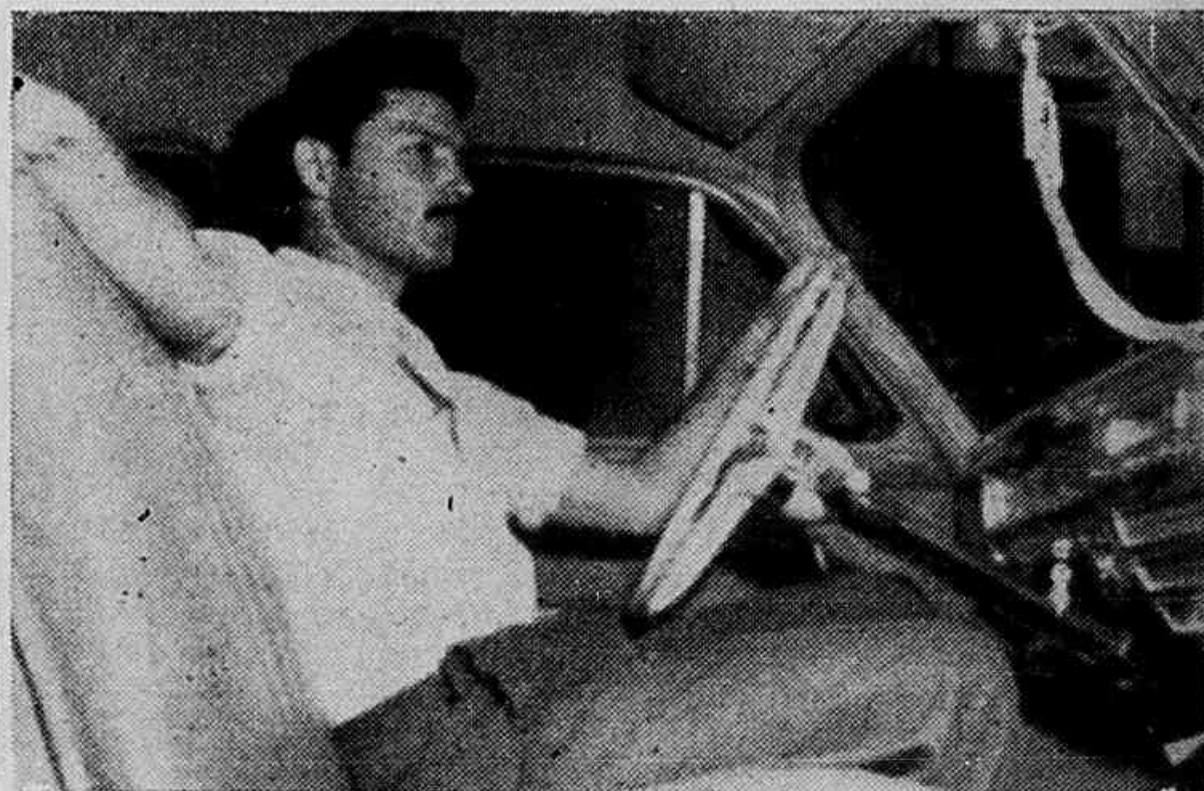
**E**STAVA portanto vencido o primeiro round na luta entre o futebol e a carreira de dentista. Por algum tempo chegou a abrir consultório em Americana, mas as cifras compensadoras do futebol terminaram por fazer adiar os planos de Osvaldo. Findaram-se aqueles dois anos de contrato, e Osvaldo foi novamente assediado por vários clubes. O Ipiranga, violando a cláusula de seu contrato, quis cobrar trezentos e cinquenta mil cruzeiros pelo passe, e o Bangu, que estava interessado em conquistar o goleiro, evitou maiores discussões, pagando mesmo aquela soma. Hoje Osvaldo confessa que sua vida está muito mais para o futebol do que para a sua outra profissão. Mesmo assim, faz parte do corpo de dentistas do ambulatório da fábrica Bangu e garante que, não fosse o severo regime de concentração, abriria um consultório em Bangu. Mas vai dar tempo ao tempo. O futebol não dura sempre para ninguém e quando acabar para ele, então retornará à Americana, onde pretende instalar-se definitivamente como dentista.



*Osvaldo, mesmo no arco, não perde a elegância.*



*O Bangu tem um grande goleiro. É o que afirma o presidente Penedo.*



*O futebol não lhe deu o esperado automóvel, mas sua cabeleira poderá fazê-lo, pois anda cobiçada pela publicidade dos cosméticos...*



O arqueiro Feliciani deixou boa impressão pela segurança e pelo oportunismo de suas intervenções — em que pese haver falhado no primeiro gol do Flamengo. Ei-lo em empolgante defesa, depois de haver mergulhado aos pés de Adãozinho.

Outra defesa em que teve o goleiro argentino do Deportivo Cali que agir com arrôjo e audácia, entrando êle para agarrar o couro quando Joel armava no ar sensacional bicicleta.



Ai está o bôlo formado quando o juiz determinou que Oscar Sastre deixasse o campo. Os jogadores do Deportivo Cali achavam que a briga tinha sido em família, e não queriam que Sastre deixasse o gramado — mas êle saiu mesmo.

# VITÓRIA DO

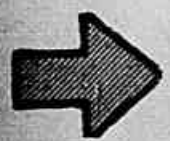
## FUTEBOL BEM ENTROSADO MAS SEM OBJETIVO

**O**BSERVOU-SE que o combinado argentino do Deportivo Cali executa um futebol de bom entrosamento, com passes certos e meticulosos, cada elemento em sua respectiva posição para receber e dar de primeira, fintando bem, trançando otimamente e jamais se colocando em posição capaz de dar chance ao adversário. Mas verificou-se, por outro lado, que, agindo como simples tarefeiros, não se empregando a fundo, não se deixando empolgar pelo frenesi dos grandes lances, os "colombianos" praticam um futebol sem objetivo clássico, sem maiores preocupações com o gol, sem maior ambição pela vitória — não se empregando decisivamente, energicamente, diante da meta contrária, à frente da qual chegam, entretanto, com muita facilidade. E não se deve esquecer de acentuar, a título de esclarecimento, que a ofensiva do Deportivo Cali se integrou de elementos que na Argentina eram apontados e renomados como autênticos "artilheiros", como o meia direita Coll, o "center" Mur e o meia esquerda Valter.

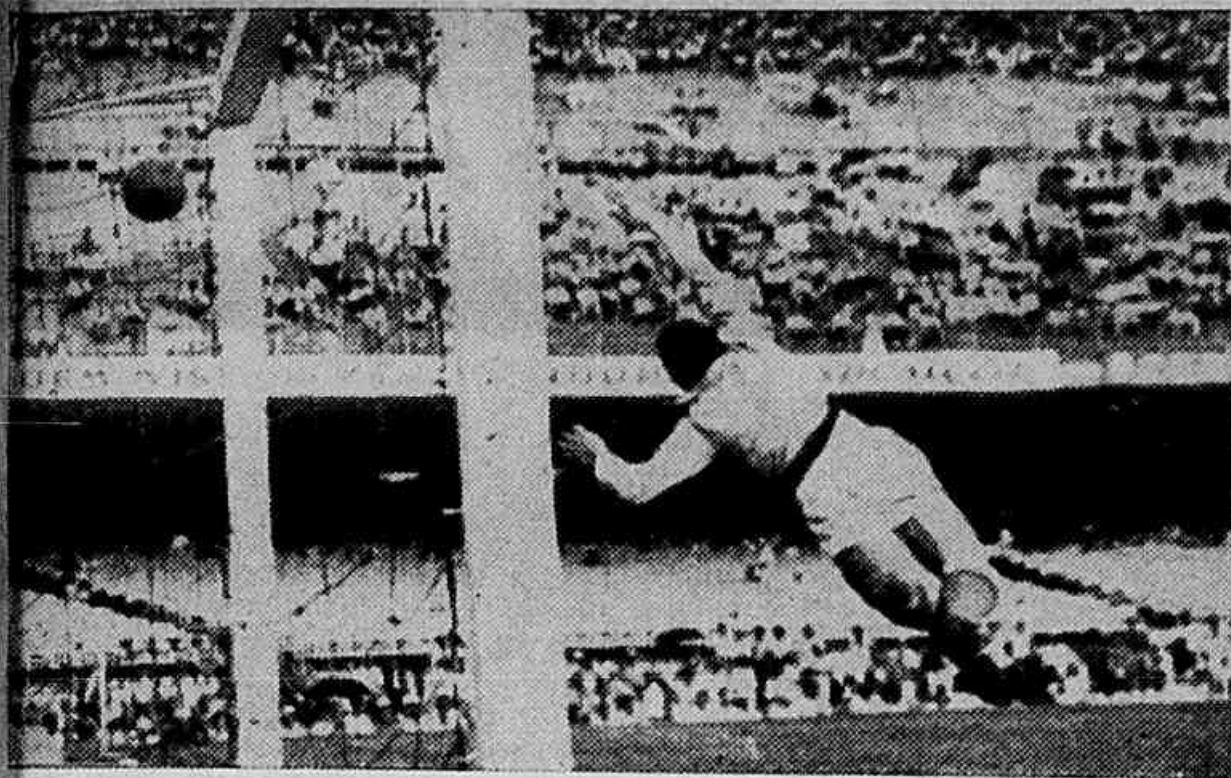
## CENA INÉDITA DE INDISCIPLINA

**A**NOTA mais vistosa que os "colombianos" do Deportivo Cali nos deu na sua única exibição na Capital da República foi constituída por uma cena inédita de indisciplina. Inédita, dizemos bem, porque realmente não temos notícia de que em nosso país ou em qualquer outra parte do mundo tivesse ocorrido fato semelhante ao que nos foi dado assistir: um jogador agredir um seu companheiro de time por haver este recriminado uma jogada falha que redundou em tento. Foi exatamente o que se viu no Estádio do Maracanã. O Flamengo já estava vencendo pela contagem de dois a um, no segundo período do match, quando realizou uma carga. A bola acabou nos pés de Oscar Sastre, médio direito do quadro colombiano, que estava dentro da pequena área. Mas aquele jogador não teve recursos para controlar a bola, e deixou-se levar por um golpe de "inteligência" de Esquerdinha (colocamos a palavra inteligência entre aspas, porque nos afirmaram ser isso muito raro no veterano ponteiro esquerdo rubro-negro). O fato é que Esquerdinha investiu e fingindo que entraria pela esquerda para disputar a pelota com Oscar Sastre, fê-lo, imprevisivelmente, pela direita, e rapidamente chutou a bola — tão imprevisivelmente que o arqueiro Feliciani não contou com a façanha do ponteiro carioca, deixando-se burlar com a conquista do terceiro gol do Flamengo. E o arqueiro argentino reclamou do seu companheiro, provavelmente em termos que não seria possível reproduzir aqui, o que levou Oscar Sastre a revidar com um pontapé nas costas do goleiro Feliciani. Este não reagiu à agressão, naturalmente por reconhecer que devia algum respeito ao público e que se achava em país estrangeiro, e assim retirou-se para a sua meta. Mas o juiz brasileiro Carlos de Oliveira Monteiro, que teve boa atuação como dirigente do match, não aceitou como impulso repentino o ato de Oscar Sastre, e resolveu expulsá-lo, mesmo diante das escusas dos "colombianos" de que a agressão fôra contra um companheiro de time (como se a briga devesse ficar em família...) e por isso Sastre não deveria ser expulso. Mas Sastre foi expulso. Outra cena rara seguiu-se: o técnico da equipe mandou que outro jogador entrasse no lugar de Sastre — o que não permitiu o juiz, desde que é convenção no Brasil (em jogos amistosos, naturalmente), que jogador expulso não pode ser substituído. Depois do prelio terminado, já no vestiário, o arqueiro Feliciani deu expansão à sua raiva e tentou desforrar-se de Oscar Sastre, gritando aos que o seguravam: "largueme! Yo mato êse cochino". Disseram-nos os "colombianos" que Sastre e Feliciani sempre foram bons amigos, quando argentinos...

De VASCO ROCHA



Não deixou boa impressão o combinado argentino que a Colombia nos mandou representando o Deportivo Cali. E dizemos combinado argentino com justa razão, desde que expliquemos que na equipe que enfrentou o quadro do Flamengo só figuravam jogadores portenhos, aqueles que se aproveitaram de uma situação anômala no futebol da Argentina para fugir para a Colombia, tentados pelos dólares que o futebol pirata oferecia — futebol transformado em comercio a varejo, segundo o ponto de vista colombiano. E diga-se, ainda, de passagem, que o Deportivo Cali nos deu uma real amostra do futebol mercantilizado, em que pese o fato de também haver profissionalismo no futebol brasileiro. Mas, felizmente, o futebol brasileiro não chegou a tal ponto — e praza aos céus que não chegue nunca. Porque o futebol mercantilizado da Colombia mostrou exatamente aquilo que o Deportivo Cali nos deixou ver. Os jogadores não se empenham na luta como autênticos desportistas, não se deixam empolgar pelos lances, não se deixam dominar pelo entusiasmo, não se deixam levar pelo desempenho enérgico e vigoroso. Absolutamente se deixam contaminar pelos aplausos do público diante das boas jogadas. Trabalham, exclusivamente, como o empregado zeloso que cumpre sua tarefa, tranquilamente, meticulosamente, sem pressa e sem a preocupação de oferecer um melhor rendimento dos serviços a seu cargo.



O segundo tento marcado pelo Flamengo pegou Feliciani desprevenido, tão inesperado foi o arremesso de Dequinha — mais parecia um passo dentro da área. Mesmo assim o arqueiro argentino tudo fez para defender.

Início de cena inédita de indisciplina. Oscar Sastre, acusado de haver falhado quando o Flamengo conquistou o terceiro tento, investe contra o goleiro Feliciani para agredi-lo. Ninguém seria capaz de pensar que aquilo se daria.

# FLAMENGO

## FÁCIL VITÓRIA DO FLAMENGO

A VERDADE é que o Deportivo Cali não correspondeu à expectativa como quadro de futebol, embora revelando a classe dos seus integrantes. Sim, porque a realidade é que pontificam na equipe elementos de inegável valor, alguns deles já integrantes do selecionado argentino, outros que vinham despontando como autênticas revelações e que antes da fuga para a Colômbia estavam indicados à convocação para o treinamento do scratch argentino que deveria participar da Copa do Mundo no Estádio do Maracanã. Feliciani, por exemplo, mostrou ser um grande arqueiro, pelo arrojo e segurança de suas intervenções; Chiarini e Consenza formaram uma excelente parilha de backs, o último com maior classe do que o primeiro. Oscar Sastre e Castro confirmaram as suas credenciais já nossas conhecidas, e Fain, o médio-esquerdo, apenas regular. O ataque com Perez, Coll, Mur, Valter e Villarini I, mostrou três grandes jogadores, como Coll, Mur e Villarini I, este um notável ponta-esquerda, que não produziu mais porque Biguá esteve sempre presente com as suas "botinadas".

Bem fácil, porém, foi ao Flamengo triunfar pela contagem de três a um — no primeiro tempo por um a zero. E diga-se que a equipe rubro-negra fez péssima exibição. O quadro não se apresentou bem articulado, não se movimentou como habitualmente. A defesa esteve indecisa e o ataque não teve arrematadores — destacando-se na retaguarda Garcia, Bria e Dequinha. Jordan um tanto discreto na sua estréia entre os rubro-negros, mas deu conta do recado. Biguá e Pavão atuando com violência, e nada mais. No ataque, Joel, Hermes, Índio e Rubens não fizeram muito. Esquerdinha apenas esforçado e marcador do terceiro gol. Adãozinho foi o melhor e Aloisio, que entrou no lugar de Índio, que por sua vez havia substituído Hermes, deu maior movimento à ofensiva. Hermes, de cabeça, no primeiro tempo, escorando um centro de Joel e Dequinha, no período final, atirando de fora da grande área, foram os outros marcadores do Flamengo. Coll, com boa investida e penetração, foi o autor do único tento do Deportivo Cali. A renda foi de Cr\$ 450.203,50.

### ÚNICA EXIBIÇÃO DO CLUBE COLOMBIANO

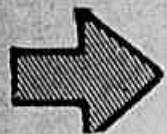
CONTRA o Flamengo foi a única exibição do Deportivo Cali na Capital da República. Muito dificilmente encontraria o clube colombiano outro grêmio carioca capaz de arcar com as responsabilidades da realização de um novo match — e isso porque a impressão deixada pelo time "colombiano" não foi nada boa com respeito à espécie de "trabalho" que executam os seus integrantes, jogando futebol...

## O GLOBO SPORTIVO

Revista semanal — Redação, Administração e Oficinas: Rua Itapiru, 1209 — Rio de Janeiro — Brasil — Caixa Postal 4602 — End. Tel.: "Globojuvenil" — Tel. 48-6287 — Direção de ROBERTO MARINHO e MARIO RODRIGUES FILHO — Gerente: RUBENS DE OLIVEIRA — Secretário: ARTHUR THOMAZI — Serviço fotográfico de: INDAIUSSU LEITE — e colaboração dos ilustradores: OTELO e GUTEMBERG — Número avulso: Cr\$ 3,00 — Assinaturas — para todo o país — porte registrado: anual Cr\$ 170,00. Sucursal de São Paulo: Rua Xavier de Toledo, 84, 4.º and. Distribuidores em São Paulo: Agência Siciliano: Rua Dom José de Barros, 323. Representantes em Portugal e Colônias: Livraria Latina Editora, Pôrto.



Bem, naturalmente, esteve o goleiro Garcia. Pouco trabalho, realmente, mas agindo sempre com bastante segurança em suas intervenções. Apenas um tento deixou passar o arqueiro rubro-negro.



Quase desnecessário se torna apresentar o goleiro Veludo. Se muitos só o conheciam vagamente, depois da conquista do título de aspirantes pelo Fluminense, tomaram nota definitivamente desse nome um tanto estranho para jogador de futebol. Cronologicamente, Caetano Silva não sabe explicar esse apelido; acredita que, por ser um preto alto e desempenado, sadio e de pele luzidia, o tenham comparado ao veludo, naturalmente ao veludo negro. Mas o fato é que Veludo projetou-se definitivamente no futebol carioca, menos por ter sido um campeão da categoria, como outros tantos, do que pelo simples fato de ter sido o jogador mais completo do ano. Veludo foi o goleiro menos vazado, e foi o jogador mais eficiente dos aspirantes, aliando a isso a sua impecável conduta disciplinar. Só faltava um título para que Veludo não desse vez a ninguém: o de maior artilheiro... A sua consumação como craque de futebol veio dar a certeza ao Fluminense de que está de posse de um outro grande goleiro, além de Castilho. A maioria dos tricolores considera Castilho o maior quiper do Brasil. Veludo é o seu reserva, atuou até agora pelos aspirantes, e estará seguramente bem colocado entre os goleiros

# TUDO AZUL

treinos no Fluminense. As esperanças que renasceram terminaram por dissipar a dúvida que ia no espírito de Veludo, e um belo dia ele aparecia lá no campo do Fluminense, em dia de treino dos juvenis. Foi aquela vez, mal sabendo que seu destino futuro estaria intimamente ligado ao clube tricolor. Teve paciência para esperar um pouco e logo vieram os amistosos em que foi incluído. Convenceu e durante todo o ano de quarenta e oito foi o titular do quadro de juvenis, e, portanto, campeão pela primeira vez. Não tardou o primeiro contrato, que veio no ano seguinte, ficando Veludo como reserva de Mariano e Caxambu, no quadro de aspirantes. O lugar, porém, era mesmo de Veludo, que acabou como titular daquela categoria e reserva do sensacional Castilho.

## SANGUE DE CRAQUES NAS VEIAS DOS SILVA

EXEMPLO nesses casos quase sempre de nada adianta e temos visto sempre craques famosos, cujos irmãos, quando jogam bola, o fazem mediocrementemente. Nos casos conhecidos a coisa está na massa do sangue, e talvez seja isso que está acontecendo atualmente na família Silva. O sucesso de Veludo — ele é tratado assim até em casa — entusiasmou desde cedo o mano Geronimo. Ele ainda é um garoto, com seus treze anos de bom desenvolvimento, mas garoto mesmo. E no entanto, D. Joanna conta-nos, é um verdadeiro inferno aquela cegueira para o jogo da bola. E a mãe de Veludo acrescenta ainda que fica admirada como é que outros jogadores, rapazes já taludos, vêm insistir na sua porta para que deixe o Geronimo ir jogar. Não se trata de um goleiro, uma segunda edição de Veludo. Não, Geronimo é médio-esquerdo, e atua com brilho nas fileiras do S. C. Brasil Junior, lá em Irajá. Perguntamos a Veludo que tal o irmão, e o goleiro adiantou que as poucas vezes que viu o garoto jogar gostou. Parece que ele tem pinta. Na sala da residência de Madureira, o pequeno Paulo Roberto ouvia só, sempre com um largo sorriso emoldurando o rosto. Quisemos saber qual era a sua posição.

— Eu não jogo, só canto.

Sim, o Paulo Roberto, bem garoto ainda e de compleição um tanto franzina, ao contrário dos irmãos, até hoje não demonstrou quaisquer afinidades com a bola. Não tem bom chute, mas em compensação tem boa voz, e espera ser um cantor de boleros.



A vitrola absorve seu tempo em casa. E a pilha de discos cresce sempre.

Veludo, textualmente: "As meninas sabem que eu não sou disso..."

mais destacados do nosso futebol. Tão pronto seu nome saiu das intervenções de partida preliminar, que quase não ficam na memória da torcida porque quase sempre toda gente está nervosa esperando pela partida principal, é que conta para o campeonato de verdade, foi logo cobiçado por outro clube carioca. O Olaria viu que se conquistasse o excelente goleiro teria dado um bom passo para formar a equipe deste ano, de vez que as experiências da temporada passada foram de resultados precários para o arco leopoldinense. E como o Fluminense andava tentando conquistar o também excelente médio Jair, o Olaria lançou a isca: Veludo por Jair. Não pegou porque o Fluminense sabe muito bem que "halves" há muitos, inclusive já nas Laranjeiras, e o Veludo é um só. Talvez até para o jogador fosse melhor a ida para o Olaria, de vez que teria a oportunidade de atuar sempre na primeira divisão. Acontece entretanto que, enquanto o Fluminense não pensa nem de longe em soltar Veludo, o jogador está satisfeíssimo com o clube. E não é para menos, está tudo azul para Veludo...

### DA ESTIVA AO ARCO DO FLUMINENSE

VELUDO é o arrimo da família. Cedo perdeu o pai e teve que trabalhar para sustentar a mãe — D. Joanna — e seus irmãos Jeronimo, Paulo Roberto, Neusa e Julia. Uma família grande portanto. E como Veludo sempre foi um rapaz de fortes músculos aranjou uma colocação de estivador, sendo que, a essa altura de sua vida, o futebol era apenas um detalhe. Jogava pelo Harmonia, na Saúde, até que houve uma finalíssima contra o Atilia. Um rapaz chamado Espanhol insistiu para que ele fosse fazer um treino no Fluminense. Veludo foi, e Newton Cardoso, que treinava os juvenis, deu-lhe oportunidade no arco. Veludo agradou e foi convidado a comparecer a todos os treinos. Mas, apesar do interesse que despertara, Veludo só treinava. Passaram-se vários meses, foi o ano de quarenta e sete quase todo, até que um belo dia Veludo achou que aquilo não adiantava mesmo. Seu futebol só era bom para clube pequeno, e o melhor que faria era desistir de aparecer no Fluminense. O tempo de sobra que aproveitava para ir às Laranjeiras passou a ser aproveitado em casa, e tudo parecia já definitivo na sua vida, quando começaram a aparecer estafetas dos telégrafos à sua porta. Eram os chamados de vários tricolores de projeção, que insistiam para que ele voltasse aos



Veludo é um dos mais queridos jogadores de Alvaro Chaves.

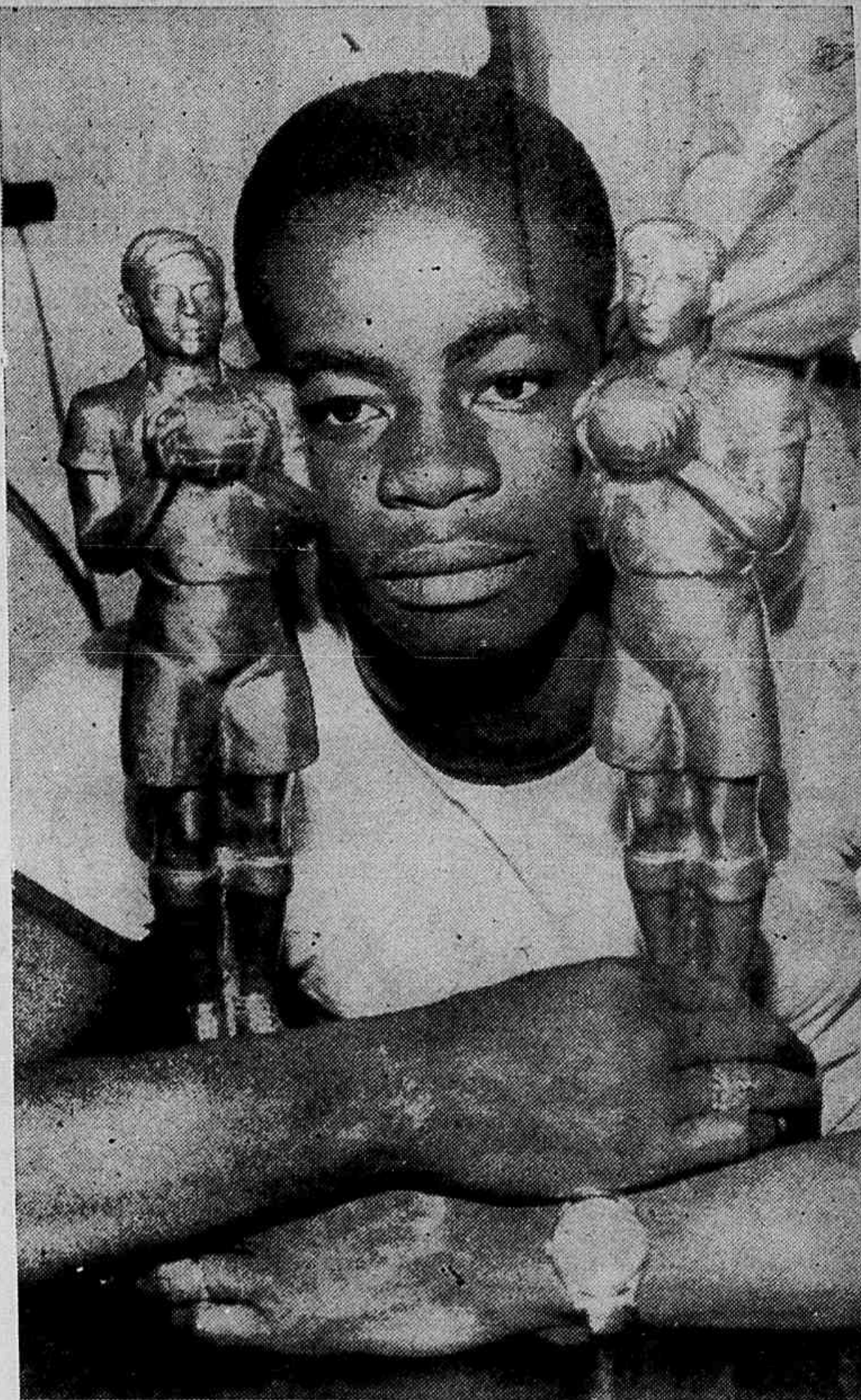
# PARA VELUDO

Fotos de JOSÉ SANTOS

DA ESTIVA AO ARCO DO FLUMINENSE — SANGUE DE CRAQUES NAS VEIAS DOS SILVA — A IMPORTÂNCIA DO FUTURO

## A IMPORTANCIA DO FUTURO

**V**ELUDO tem uma noção muito certa do profissionalismo. Logo que seu primeiro contrato permitiu deixar de mão a estiva, passou a pensar no futebol essencialmente como a sua profissão. O pai morreu há vários anos e ele sentiu a responsabilidade da família. Tudo que foi ganhando foi para casa e quando houve uma folga no orçamento tratou de aplicar as sobras em qualquer coisa de rendoso. Comprou então um autolotação, que trafega atualmente numa das linhas de ligação dos subúrbios. É uma camionete das modernas, com capacidade para dezesseis passageiros. Não é ele quem trabalha, pois não lhe sobra tempo para isso, mas a exploração do lotação está a cargo de um seu cunhado. Essa a vantagem que o futebol já deu a Veludo, sendo que ainda se poderia citar a oportunidade de uma grande viagem, que foi a temporada que o Fluminense fez pela América Central. Aliás Veludo não havia integrado a delegação que foi ao Sul-Americano de Juvenis, mas teve a compensação na temporada tricolor. São portanto os mais otimistas os horizontes para o goleiro tricolor, nos primeiros passos de uma carreira de craque.



Veludo é o reserva mais famoso do Brasil, com mais laureis do que muito titular que anda por aí...



A família é a razão de ser de todo o seu empenho no arco.



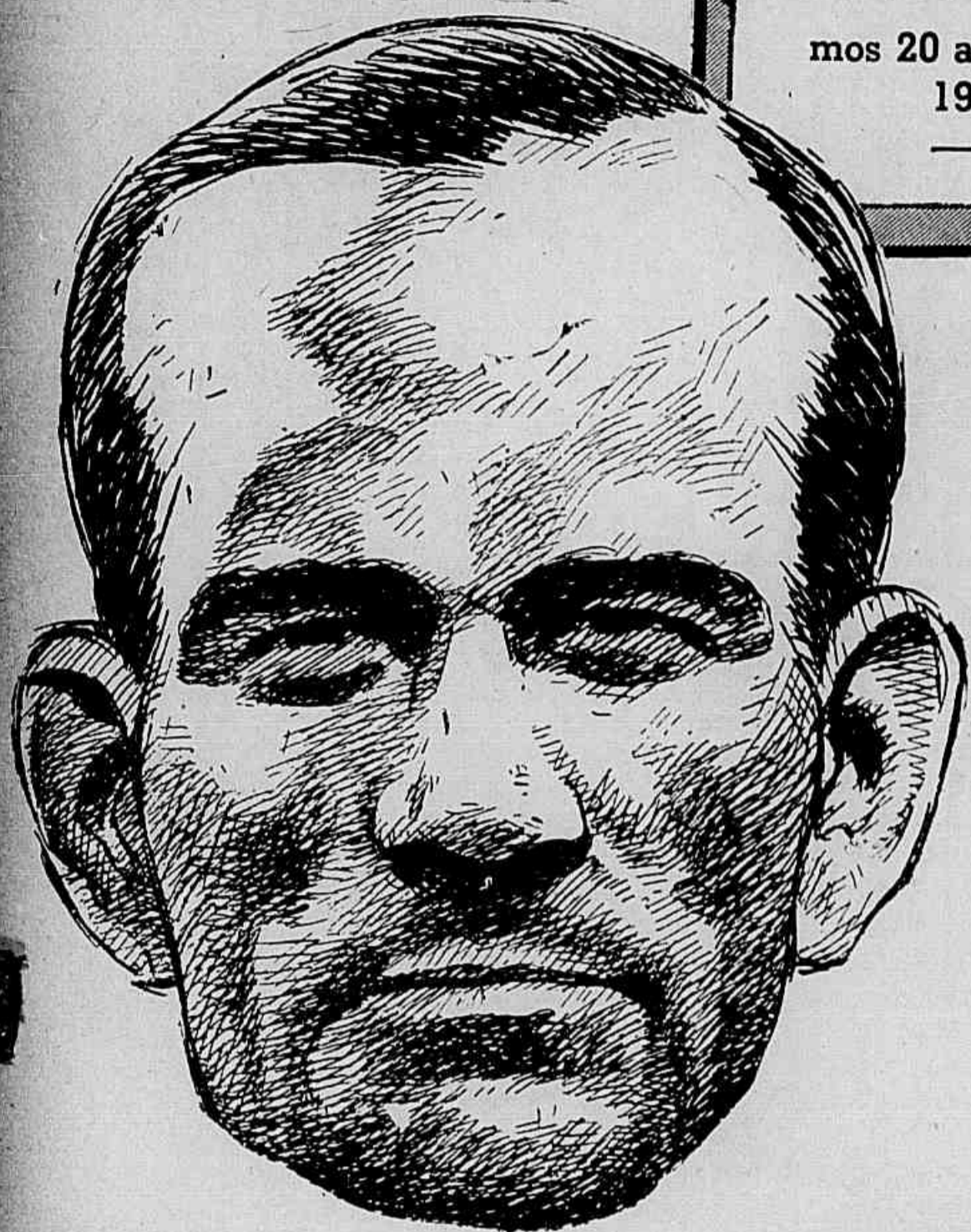
Mais um título na sua bagagem esportiva: campeão de aspirantes.

TEXTO DE  
OLÍMPICUS

Amilcar e a Lei do Esfôrço Mínimo

## AS GRANDES LINHAS MÉDIAS DE TODOS OS TEMPOS DO FUTEBOL BRASILEIRO

— Qual teria sido a melhor entre as do passado e as dos últimos 20 anos? — A "diagonal" não teria sido executada desde 1933? — Foi Amilcar, em plena maturidade, quem fêz a escola dos passes laterais entre os médios



**A**S grandes linhas médias do tempo do amadorismo, ou por outra, desde que o futebol brasileiro ultrapassou a sua época inicial, podem ser apontadas apenas três ou quatro pertencentes aos clubes do Rio e de São Paulo. Assim é que, em pleno 1917, 1918 e 19, tivemos o apogeu das linhas médias do Paulistano, constituída por Sergio, Rubens Sales e Benedito, do Fluminense, formada por Lais, Osvaldo Gomes e Fortes, do Palestra, por Bertolini, Picagli e Fabbi, linhas médias estas que foram realmente as que dominaram mais tempo e as que fizeram escola, sendo que as demais que permaneceram nos quadros campeões foram as do Paulistano e do Fluminense.

Estávamos numa época na qual o centro-médio era uma espécie de patriarca do conjunto. — Ele dominava, fazia tudo; pode-se dizer o jogador mais clássico e autoritário de um quadro. Os médios de ala não tinham a projeção que passaram a ter depois. Geralmente, sua tarefa era marcar apenas os extremos contrários. — Fato curioso passou-se naqueles tempos com o Botafogo. Sua linha média, de 1910 até 1915, ficou reduzida a dois jogadores apenas, ou seja, Rolando e Lulu, que dominaram abertamente, não podendo se completar o trio médio, porque sempre faltou a esses dois grandes craques do Botafogo e das seleções um companheiro com a mesma fama e estabilidade para que o trio ficasse completo.

Anos depois Sisson com Dino e Rodrigo nos laterais formou uma clássica linha média carioca. A tática, em conjunto dos três médios, no Brasil, como em outros países, sofreu com o correr dos tempos, aquela evolução que todos sabem. Quando Amilcar, o grande centro médio, duas vezes campeão sul-americano, estava nos pincaros da



FLORIANO

Amilcar, num desenho de Vasquez. Já veterano, o grande centro médio pôs em prática o padrão do passe lateral.

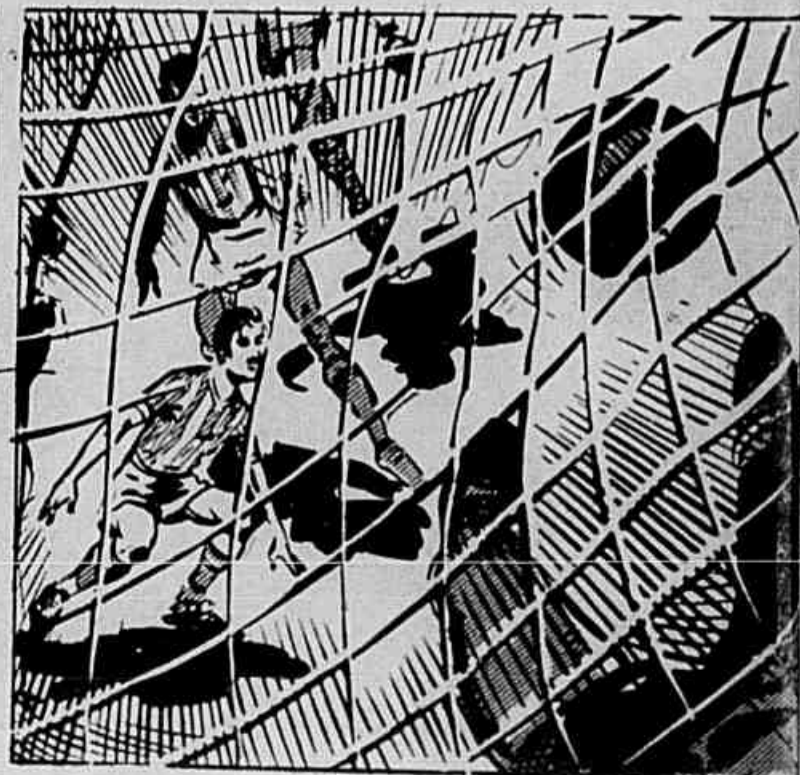
## O MAIOR GOL DE NIVIO ...



Nívio veio de Minas para resolver o problema da ponta, no Bangu. Em sua terra, seu cartaz sempre foi magnífico e por suas atuações no Rio, dividem-se as opiniões da torcida carioca em torno da real capacidade de Nívio como craque do futebol brasileiro.



E isso porque o ponteiro tem tido uma performance cheia de altos e baixos. Talvez mais altos que baixos, mas o fato é que ainda não conseguiu uma produção regular. E dentre os melhores momentos de sua carreira no Rio, Nívio teve uma série de grandes gols.



E o seu maior gol foi contra o América, no primeiro turno do campeonato de 51. Moacir Bueno passou para ele na entrada da área, e na corrida Nívio emendou de qualquer maneira. O pelotão foi tão forte que nem o próprio Nívio viu a bola quase arrebentar as redes.

sua carreira e já veterano, próximo do declínio, começou a pôr em prática a lei do mínimo esforço, daí iniciou e fez escola o padrão do passe lateral, assim como o sistema de deslocções no jôgo dos médios. — Os médios laterais que Amilcar contava tanto no Palestra como na seleção paulista era Pepe e Serafim. Aliás, êle mesmo, Amilcar, era também substituído por Gogliardo. Essa tática de passes entre os médios iniciou-se lá para 1925 e 1926, ou seja, anos depois de Amilcar ter constituído no Corinthians a célebre linha média com Gelindo e Ciasca. O passe lateral e a devolução de bola de um médio lateral para o centro médio e vice-versa fazia com que a linha média palestrina tomasse conta do campo contrário, com bastante desenvoltura, saindo-lhe assim um jôgo muito bem manobrado com os atacantes, jôgo este que se aprimorou com o transcorrer dos anos. — Na mesma época, o Rio contou com a famosa linha média do Fluminense: Nascimento, Floriano e Fortes, com predominância também na seleção carioca. Foram então, indiscutivelmente, as linhas médias do Palestra e do Fluminense as que duraram mais naquela época.

E veio depois uma nova revelação, ou seja, a linha média do Vasco da Gama, com Tinoco, Fausto e Mola, que se formou em 1929, e também em 1929 se formou a célebre linha média do Corinthians, Nerlino, Guimarães e Munhoz, que em São Paulo ficou sendo



FORTES

a linha média rival da do Palestra. — Estávamos, então, em vésperas do profissionalismo e na época que superou a famigerada cisão de quatro anos no futebol de S. Paulo. No Rio, a linha média do Vasco continuou imperando, enquanto que em S. Paulo, em 1933, formaram-se duas poderosas linhas intermediárias, com a instituição do profissionalismo. No S. Paulo F. C. tivemos: Rafa — Zarzur e Orozimbo e no Palestra, Tunga — Dula e Tufi. Ora, nós achamos que o chamado padrão "diagonal" começou justamente na linha média do alvi-verde. Tunga era o médio volante, na direita, e todos sabem qual a classe que o versatil Tunga possuía. Dula era um centro médio que jogava tipicamente como os de agora, aliás Vila, atual, poderia ser chamado de o Dula de 1952. Tufi, este desempenhava as funções de médio marcador, porque não tinha a grande classe dos seus demais companheiros, enquanto que lhe sobrava muita combatividade. O Rio não chegou mais a formar uma linha média que superasse a do Vasco 1929-1931. A próxima que se firmou foi a do Botafogo com Zezé Procópio, Martim (Zezé Moreira) e Canali. Pode ser julgada esta como a melhor durante um punhado de anos, no Rio. Aliás, até que o Flamengo formou a linha média tri-campeã com Biguá, Bria e Jaime, não julgamos ter merecido maior destaque qualquer outro trio intermediário carioca. Em S. Paulo também, entre as muitas que existiram depois da úl-

tima que citamos, do Palestra, apenas a do Corinthians, formada por Jango, Brandão e Dino fez escola e, sem dúvida nenhuma, ficará registrada com projeção na história do futebol pátrio. Brandão e Dino, como é sabido, foram dois mestres das suas respectivas posições. Nestes últimos sete anos, voltamos a registrar apenas duas soberbas linhas médias, cujos componentes, todos êles, atingiram ao estrelato, tanto nos campeonatos paulista e carioca, como nas seleções das duas capitais e no selecionado brasileiro. Referimo-nos ao trio médio do Vasco — Ell, Danillo e Jorge (Alfredo) e a linha média do S. Paulo — Bauer, Ruy e Noronha. A do tricolor já está desfeita, em conjunto, enquanto que a linha média do Vasco está de pé e parece que ainda tem um bom tempo à sua frente. Lógicamente, deixaremos para o futuro destacar segundo a projeção que alcançarão e o tempo que ficarão no cartaz as linhas médias que se formaram, nestes últimos tempos, ou para melhor especificarmos, na época que vai ser lembrada, depois da Copa do Mundo de 50. Quem sabe em 1960, já terão passado para a história das grandes linhas médias, mais algumas do futebol interestadual. Até lá, esperemos...



Raffa, Zarzur e Orozimbo, a linha média do São Paulo de 1933 a 35.

\*\*\* Benedito, que morreu em 1943, em São José dos Campos, jogou na Itália com o sobrenome de Zacconi, oriundo da família da esposa. A crônica esportiva de lá, festejando a sua excepcional popularidade, cognominou-o, em certa época, de Zacconi, "il salvatore".

## ... E O SEU MAIOR FRACASSO



Nesta temporada mesmo poderíamos apontar uma série de grandes gols, e sobretudo decisivos, perdidos por Nivio. Ele mesmo confessa que tem perdido oportunidades incríveis, como no último jôgo com o Fluminense, em que o Bangu perdeu o campeonato para o Fluminense.

Mas nós queríamos mesmo o maior lance de gol que êle havia perdido em toda a sua vida, e então Nivio lembrou-se que isso aconteceu, faz algum tempo, quando o Bangu foi fazer uma excursão a Montevideú. Foi no jôgo com o Penarol, que terminou empatado por dois tentos.

Faltava pouco para terminar a partida quando o Bangu atacou o arco uruguaio. Teixeira chutou, a bola bateu na trave, e voltou ao campo, na direção de Nivio. O ponteiro, completamente livre, só precisava alvejar. Buscou o ângulo e desferiu o seu tiro violento. A bola foi muito acima da trave superior.

# OS MELHORES EM NÚMEROS



mostrando aos interessados aqueles que mais se destacaram pela sua atividade nas equipes que integraram, seja pela demonstração cabal de sua perfeita atuação técnica seja pela correta conduta disciplinar que mantiveram durante as partidas de que participaram. Para estabelecermos a situação que desejamos desenvolver, consultamos dois trabalhos perfeitos de estatística, o primeiro elaborado pelos nossos colegas do "O Globo", com os "números do campeonato", e o segundo pelos nossos confrades de "Jornal dos Sports", através do já popularíssimo concurso do "Oscar".

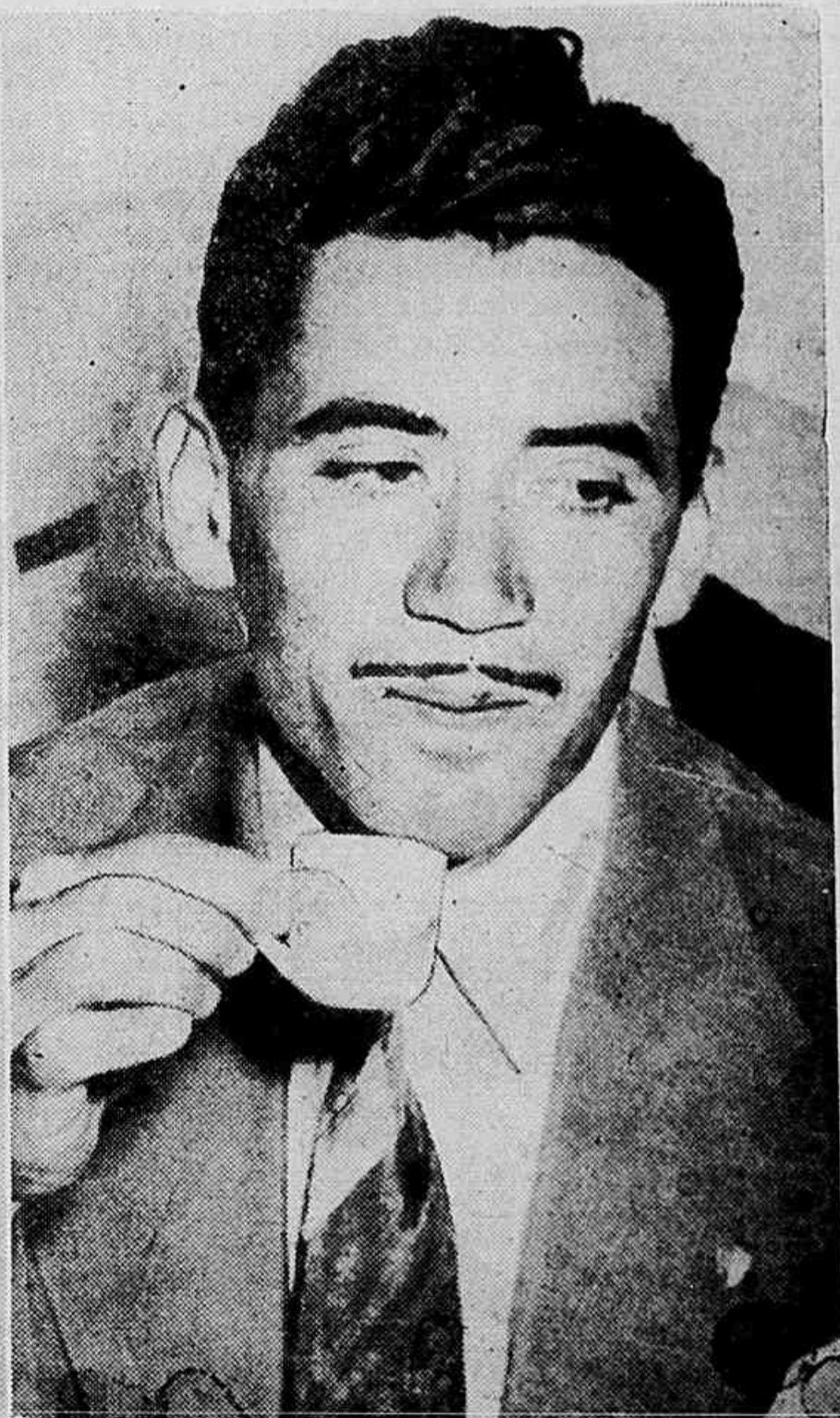
## ZIZINHO, O JOGADOR MAIS EFICIENTE

PELOS dois referidos trabalhos Zizinho foi proclamado, aliás merecidamente, o jogador mais eficiente, pela sua produção e pelas suas inegáveis qualidades técnicas. Os que viram atuar o famoso meia direita brasileiro integrando a equipe banguense não podem negar a justiça da proclamação, porque, de fato, Ziza confirmou amplamente ser o nosso melhor atacante, pelo seu trabalho extraordinário, pelo seu dinamismo, pela sua tenacidade, pela sua experiência e pelas suas virtudes de manejador da pelota. Foi, sempre, em todas as partidas disputadas pelo Bangu, a sua figura de maior realce, o verdadeiro orientador e condutor da

garam à conclusão de que os seus atos foram praticados menos pela vontade própria de ferir a disciplina que mesmo como a resultante da situação privilegiada que desfruta de ser o nosso mais completo meia direita. Acentuando mesmo que Ziza só agiu em defesa própria, reprimindo com uma jogada brusca a violenta, voluntária e premeditada entrada dos seus adversários, visando que sempre foi pelas botinadas alheias. Zizinho, disse-nos prestigioso desportista, é um jogador de um milhão de cruzeiros e não pode ficar à mercê dos pontapés indiscriminados de jogadores desleais... e baratos.

## VELUDO, O JOGADOR MAIS PERFEITO

OS mesmos trabalhos estatísticos proclamaram Veludo, goleiro aspirante do Riuninense, campeão de 51, como o jogador mais perfeito da temporada. Outro título merecido. No concurso do "Oscar" o guardião Veludo obteve três honrosos troféus: arqueiro menos vasado, jogador mais eficiente e jogador mais disciplinado. De fato, pela sua atuação magnífica, pelas suas grandes intervenções na defesa de sua cidadela, sempre arrojadas e espetaculares, Veludo afirmou-se como autêntica revelação, como um jogador que está atingindo o apogeu de sua forma. Em dezenove partidas disputadas, em vinte, Veludo foi vasado dezo-



Os números não mentem. E nem iludem quando alinhados com critério para ilustrar um meticoloso trabalho de estatística — um trabalho que esteja de acordo com a realidade, respeitando a expressão máxima dos algarismos. Nada se faz atualmente sem se lançar mão dos números para exprimir o desenvolvimento das coisas, o progresso atingido por qualquer atividade do homem. Até mesmo o médico que traça em números e linhas as alternativas da febre de um paciente, está realizando um trabalho de estatística pelo qual poderá se guiar para a elaboração do diagnóstico. Nos esportes, do mesmo modo, a estatística é usada para estabelecer as condições de aproveitamento de um atleta durante o período de sua preparação técnica e física. Ainda recentemente tivemos em mãos uma obra valiosa — "Perfil técnico desportivo", de Emilio Palestine — onde o seu autor, atleta veterano, professor de cultura física, ensina como, através dos algarismos e dos gráficos, se pode classificar os atletas de acordo com as suas qualidades e tendências desportivas, de acordo com os seus recursos morfológicos, fisiológicos, psicológicos e intelectuais.

## OS NÚMEROS DO CAMPEONATO

NÃO é, entretanto, desse assunto que vamos tratar, não é da classificação dos atletas que vamos nos ocupar — que isso compete aos professores de cultura física, aos técnicos de atletismo, de futebol, etc. Se vamos trabalhar com algarismos é exclusivamente para fornecer aos nossos leitores uma impressão real do que forneceu a estatística do campeonato carioca de futebol agora encerrado,

equipe. Cumpriu, com exatidão, a sua missão e merecido foi o título que recebeu de jogador mais eficiente de 1951.

Entretanto, disciplinarmente, segundo as mesmas estatísticas, Zizinho não foi louvado com as mesmas palavras elogiosas, embora não se tenha encontrado também quem julgasse razoável censurá-lo pelo fato, inclusive, de haver sido expulso do match do turno com o América, juntamente com Ivan. E os que analisaram, a frio, a conduta disciplinar do renomado avante, che-

nove vezes, o que representa uma média de um gol vasado por match. Jamais praticou, por outro lado, um só gesto censurável, jamais teve uma atitude passível de reprovação, sempre correto, leal e calmo como sempre foi. Daí o título que conquistou, como o jogador perfeito de 51.

Dois outros nomes igualmente conhecidos e sempre lembrados com simpatia mereceram as honras de serem apontados como exemplos da disciplina. Um deles foi Castilho, igualmente

**A ESTATÍSTICA SERVE TAMBÉM PARA SE CONHECER AS SITUAÇÕES DE SUPERIORIDADE E INFERIORIDADE — ZIZINHO FOI O JOGADOR MAIS EFICIENTE, MAS VELUDO FOI O MAIS PERFEITO DA TEMPORADA QUE PASSOU — DADOS — QUE DEFINEM AS FIGURAS MAIS EVIDENTES E AS MENOS POSITIVAS —**



goleiro do Fluminense. Em vinte matches disputados, toda uma temporada, Castilho foi citado pela sua excelente conduta, jamais tendo sido advertido quer pelo juiz como pelos dirigentes do clube das Laranjeiras. O outro jogador que também é um exemplo frisante de bom comportamento é Jair, jovem ainda, que tem aliado aos seus dotes de educação esportiva qualidades técnicas merecedoras de elogios, quer atuando como médio volante do Olaria quer integrando a linha ofensiva — sempre muito eficiente e sobretudo muito correto, jogando em qualquer das duas posições. Pois Jair é um bi-campeão da disciplina, pois tanto em 51 como em 50 ganhou o troféu dessa categoria.

#### O MENOS E O MAIS VASADO

As estatísticas elaboradas sobre o desenvolvimento do campeonato da cidade alcançam tôdas as situações dignas de interesse para o público esportivo, alinhando os números sobre todos os dados elucidativos a respeito dos arqueiros que foram mais vasados e menos vasados, o maior "artilheiro", os "artilheiros" negativos, aqueles que marcaram tentos contra os seus próprios quadros, os jogadores expulsos de jôgo, juizes que mais vezes apitaram, etc., sempre fornecendo uma impressão completa do panorama — aspecto e clima — do certame oficial. Osni, do América, por exemplo, foi o arqueiro mais vasado. Em dezenove partidas disputadas o goleiro rubro foi vasado trinta e seis vezes, o que deu a média de 1,89 por jôgo. O arqueiro menos vasado foi Osvaldo, do Botafogo. Participando igualmente de dezenove partidas, em vinte, o "Baliza" foi vasado dezenove vezes, com

verdadeiramente excepcionais. Ao lado de Gerson, com Osvaldo entre os três páus da meta, Santos constituiu-se em um autêntico baluarte para a cidadela botafoguense. Tanto que, como se viu, o trio formou a defesa mais sólida do campeonato — apenas dezenove vezes vasada em vinte rodadas, desde que atuando uma vez o aspirante Gilson nada deixou passar. Há ainda a intermediária com Arati, Ruarinho e Juvenal — que completaram o sexteto defensivo do grêmio de General Severiano. Dele, o gaúcho Ruarinho foi o elemento mais positivo, individualmente, porque, em conjunto, o trio formou a melhor linha média do campeonato. Arati foi sempre um médio dinâmico que não só marcou com absoluta precisão como tornou-se decisivo colaborador do ataque. A Ruarinho coube, quase sempre, a tarefa de distribuidor, trabalhando como médio volante, recuando para ajudar o trio final, avançando para apoiar o quinteto ofensivo. Juvenal, igualmente, destacou-se pela sua energia e vitalidade, sempre presente a todos os momentos culminantes das partidas de que tomou parte, inclusive muitas vezes arrestando à meta contrária.

#### BOM PANORAMA DISCIPLINAR

ALIAS, pode-se fazer o elogio do panorama disciplinar da temporada do ano passado. Na realidade, em face do número de jogadores punidos com a expulsão de jôgo e depois suspensos, foi até de certo modo bom o aspecto disciplinar do certame de 51 em comparação com outros, em que o número de expulsos foi muito maior. No turno do campeonato de 51, apenas quatro jogadores foram obrigados a deixar o campo: — Nestor, do Flamengo, Ivan, do América,

#### A "ARTILHARIA" MAIS E MENOS POSITIVA

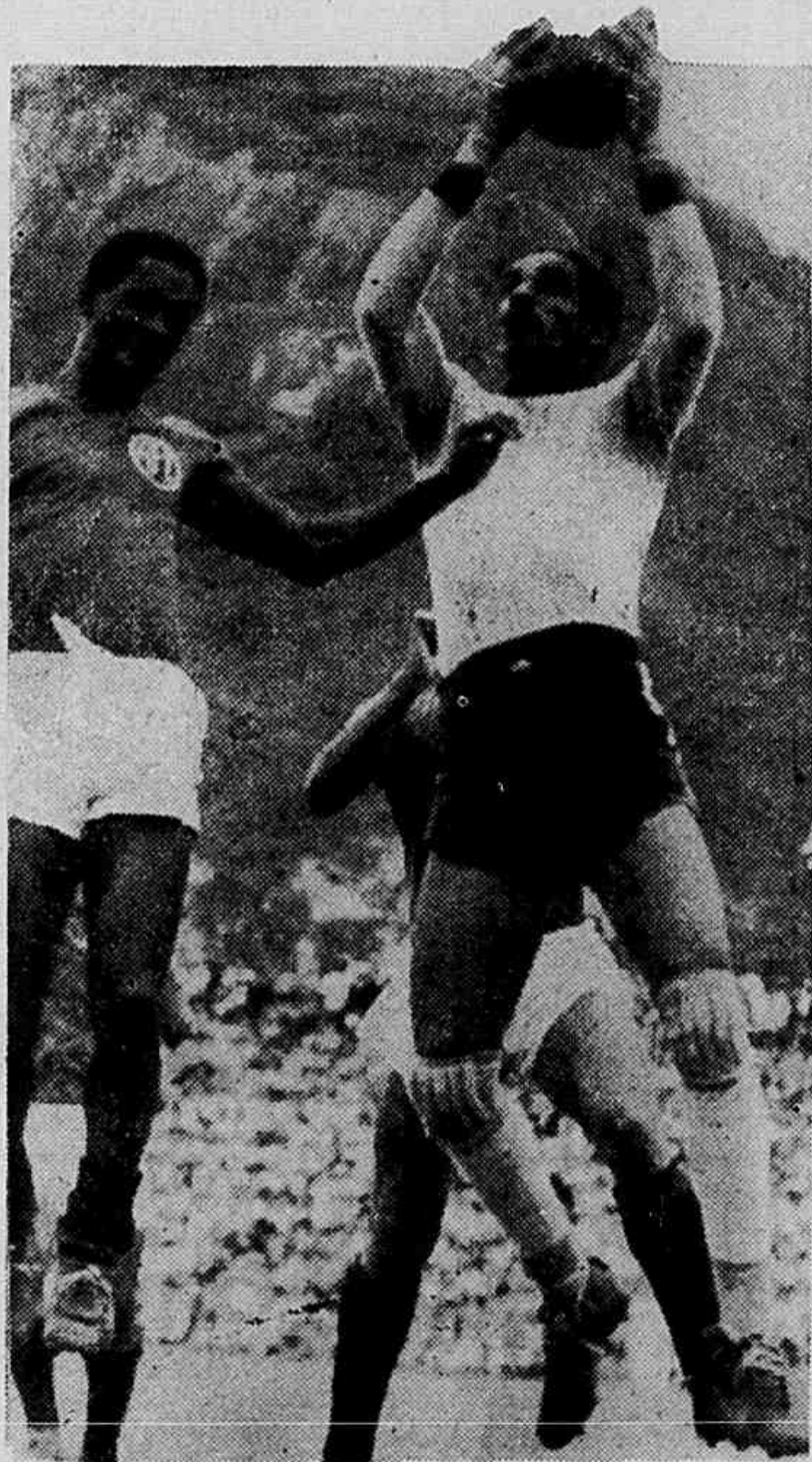
PELOS dados estatísticos também se pode conhecer qual foi a "artilharia" mais positiva do campeonato, assim como, também, a menos positiva. A mais positiva foi a do Bangu, marcando um total de 54 tentos — com uma arrecadação de 55 gols. Nivio foi o maior "artilheiro" do grêmio suburbano. Marcou êle 15 tentos. Seguiram-se Zizinho com 14; Moacir Bueno, com 11; Joel, com 10; Vermelho, com 3, e, finalmente, Menezes, com um — fazendo, pois, o total de 54. E para elevar esse total a 55 gols conquistados pelos banguenses, há o tento contra de Ananias, no match do retorno com o Olaria. Carlyle foi, porém, o "artilheiro-mor", com 23 tentos marcados.

A "artilharia" menos positiva foi a do Canto do Rio — que marcou apenas vinte tentos — uma média de um tento por jôgo, em vinte jogos. Raimundo foi o "maior", com quatro gols, seguido de Peracio, com três; Emanuel, com três; Carango, com três; Almir, com três; Binha, com dois; e Edesio e Jairo, um cada um.

#### A DEFESA MAIS E MENOS POSITIVA

SE a defesa do Botafogo foi a mais positiva, a menos vasada, por isso que apenas por dezenove vezes foi vasada, a defesa do Canto do Rio foi a menos positiva, por isso que foi vasada por sessenta e quatro vezes.

O sueco Westman foi o juiz que mais atuou — vinte e seis vezes.



Da esquerda para a direita: Zizinho, Carlyle, Santos, Osvaldo, o juiz Westman e Veludo.



a média de um gol por jôgo. Diga-se, por outro lado, que Osvaldo integrava a defesa mais sólida do campeonato.

#### A DEFESA MAIS SÓLIDA DO CAMPEONATO

FOI a defesa do Botafogo, inegavelmente, nela pontificando essa figura renomada que se chama Santos. O famoso zagueiro alvi-negro reafirmou-se novamente como o nosso mais eficiente "back" central, cumprindo na passada temporada performances

Zizinho, do Bangu, e Danilo, do Vasco. E no retorno apenas seis: — Havilson, do Bonsucesso, Carlinhos, Luiz Borracha e Torbis, do São Cristovão, e Paraguaio e Pirilo, do Botafogo. O maior contingente (!) — três — foi fornecido pelo São Cristovão — e isso em virtude do único "sururu", do campeonato, ocorrido no match do retorno entre o São Cristovão e o Botafogo. É verdade que muitos outros jogadores, dos diversos clubes concorrentes, foram também punidos com advertências, multas e pequenas suspensões — mas expulsos de campo, por falta grave, somente aqueles dez.

# Descobridor de CRAQUES

casos, mas tudo não passará da execução, da coincidência ajudando o técnico e o novo craque. Por isso é que o descobridor de craques deverá quase sempre estar entre os treinadores dos quadros das divisões inferiores. Pelo menos é o caso que queremos focalizar, pois se trata de Oto Vieira, campeoníssimo com seus juvenis. O leitor certamente ligará de pronto o nome de Oto Vieira à sua estada como técnico do quadro principal do Fluminense, na temporada de mil novecentos e cinquenta, e seu fracasso como preparador não acorrerá à memória com menor rapidez. Pode-se discutir, é certo, a tentativa de Oto como técnico de cima, como treinador de grande time, pode-se até achar que ele fracassou. Mas quando nos referimos a Oto Vieira foi no sentido de analisar sua atuação à frente dos quadros de juvenis, o seu trabalho de descobrimento e preparação de novos jogadores.

FUTEBOL, POLÍTICA E FRACASSO...

**P**OSITIVAMENTE, Oto Vieira foi um homem sem sorte quando fez a sua grande tentativa de subir na carreira de treinador. O ambiente é o fator mais importante para o técnico que se inicia, e esse ambiente Oto Vieira não teve. O time que pegou das mãos de Ondino, embora não convencendo completamente, vinha de um vice-campeonato, algo distanciado do Vasco, mas, enfim, vice-campeonato. Mas nem tudo estava bem para o jovem técnico. Podia-se até dizer que o quadro com que contava o Fluminense não era grande coisa. Os jogadores novos ainda não tinham atingido a um nível de produção capaz de dar base para um conjunto, enquanto os veteranos, muitos deixando a desejar, e os melhores com altos e baixos em sua produção. Mas nem

**D**ESCOBRIDOR de craques, quem não se julgará tal? Sim, muitos são os descobridores de craques que andam por aí, desde o clube da primeira divisão até aos menores quadros de tôdas as partes do Brasil. E cada jogador que obtem sucesso, cujas qualidades são realmente de craque, tem logo uma porção de "pais", que o viram, que acreditaram nele, que insistiram para que continuasse jogando à espera de uma oportunidade. Esses são os descobridores que andam por aí aos milhares, mas a nenhum deles queremos nos referir nesta reportagem. Há realmente os descobridores de craques, os que se dedicam ao futebol e têm "olho clínico". Raras vezes será um treinador das equipes principais. A necessidade de vencer partidas, o objetivo imediato dos campeonatos de profissionais, que envolvem tantos interesses e circunstâncias, não dão chance a que um técnico de primeiro time seja realmente um descobridor. É claro que serão apontados os



Oto Vieira, o mais jovem técnico brasileiro, com uma bagagem de vários títulos nacionais e internacionais.



Alguns "brotos" trabalhados por Oto Vieira, todos am

foi o time que atrapalhou Oto Vieira. Pode ter servido de motivo, mas a causa do fracasso do técnico campeão foi mesmo a política, que agitou naquele ano com violência as entranhas do aristocrático clube. Sim, é certo: esse mesmo presidente Fabio Carneiro de Mendonça, que nestes últimos tempos tem sido tão prestigiado pelas correntes tricolores, recebia forte oposição de muitos paredros de grande nome. Lembra-se mesmo que ele chegou a ficar seriamente ameaçado em sua reeleição, isso apesar de se saber que a reeleição dos pre-

sidente po  
uma di  
essa li  
vence  
donça  
frer q  
chedo

mente mag  
nho dsemi

ABRDO

FOR  
Flan  
com  
que te  
levado  
Gávea  
definit  
por fic  
lá da  
como ma



TELE

tim Silveira e estavam a seu cargo três equipes — juvenis, amadores e aspirantes. E durante esse tempo, em que se dedicava com mais carinho e afeição ao quadro de juvenis, buscando sempre jogadores por toda parte, Oto viu surgir sob sua orientação numerosos jogadores que depois atingiram alguns à culminância da fama, outros, lugares nas equipes de primeira divisão. Ely foi a estrela dessa constelação, que teve também Sarno, Nanati, Carango e Sergio, um que andou pelo Fluminense. Seu trabalho inicial foi plenamente satisfatório e o fruto de seus trabalhos de então, expressos na posição dos quadros, foi um terceiro lugar de aspirantes em quarenta ou quarenta e um. Esse seria o principio, e, como não podia deixar de acontecer, sua atividade despertou interesse, nascendo daí os entendimentos para o ingresso no Fluminense.

cesso, ele buscava jovens em vários mercados e sua agudeza de descobridor de craques revelava-se então no acertar logo com o jogador que poderia vir a ser realmente aproveitável. Por suas mãos passaram os jovens Veludo, Lafaiete, Pinheiro, Oswaldo, João Carlos, Robson, Tite, Geronimo, Duarte, Adalberto, Emilsson, Getulio, Zé Henrique, Quincas, Telé, Milton e Larry, trazendo inclusive Pindaro, de Pa-duas. Bastaria a citação desses nomes, muitos hoje já definitivamente integrados no plantel de craques do futebol carioca, para atestar a eficiência desse trabalho. E a par dessa facilidade em descobrir bons jogadores havia a sucessão de títulos conquistados.

CAMPEAO BRASILEIRO E SUL-AMERICANO

COM tanto sucesso à frente dos juvenis tricolores, Oto Vieira foi incumbido de preparar a seleção carioca dessa categoria que laureou-se campeã brasileira, e,

tamos acima. Além da política, não havia mesmo uma homogeneidade no time tricolor, daí a campanha irregular. Todavia, pode-se dizer que naquele ano, com toda a série de más performances do Fluminense, o quadro ainda virou o turno com cinco pontos perdidos apenas, derrotando o Vasco (2x1), o Botafogo (1x0), e o Flamengo (2x1). De qualquer forma, o que mais nos interessa no momento é mostrar a atuação de Oto Vieira como descobridor de craques e essa glória, incontestavelmente, ninguém pode tirar-lhe.

QUINCAS

Texto de CARLOS BELMONTE

Sua consagração máxima foi o Sul-Americano de Juvenis em Santiago. Depois teve outra viagem, para o Guarany de São Paulo, sem êxito, porém



campeões fora dos juvenis: Lafaiete e Pindaro, campeões cariocas, ladeando o campeão aspirante Emilsson.

CAMPEONATOS A GRANEL

FOI a melhor fase a grande época de sua carreira esportiva. O Fluminense terminou por entregá-lhe a direção dos juvenis e os títulos começaram a surgir na vida de Oto Vieira. Quarenta e oito, quarenta e nove e cinquenta, cada ano formando um time, são suas maiores glórias. Sim, essa é a grande satisfação de Oto. Poderia ter formado um bom time para ganhar campeonatos seguidos, mas o fato de terem subido sucessivamente os elementos juvenis, forçando o lançamento de outros valores no quadro, é o que melhor há para provar sua intensa atividade. Para obter esse su-

quando foi necessário organizar um quadro de juvenis para o Sul-Americano, seu nome foi outra vez o mais indicado. Ganhou os dois certames, sendo que ambos tendo por base os valores do quadro do Fluminense que se sagrara campeão, isto é, do ano de quarenta e oito. Depois de ser historiada toda a atuação de Oto Vieira no futebol carioca e no brasileiro, custa mesmo crer que tenha ele fracassado como treinador de categoria. Mas ele mesmo tem a convicção de que somente assim aconteceu por força das circunstâncias que apon-

magado preferiu o camião-emissão.

A TRILHA DE UMA JORNADA

OR Oto Vieira começou Flamengo, com forte ligação com Niterói. Tanto assim o justo orgulho de haver Thomaz Soares da Silva à logo Zizinho tomou rumo enquanto Oto acabou algum tempo do lado de O Canto do Rio o teve mador no tempo de Mar-

Uma cousa...



...exige outra



Polvilho Antisséptico GRANADO



Augusto, pela pena de Geraldo M. Viana, desta capital.

**OSWALDO FARIA** — Rio de Janeiro — 1) — O primeiro clube de futebol fundado na capital da República foi o Fluminense. O Vasco, o Flamengo e o Botafogo de Regatas já existiam, mas como clubes de remo, apenas. 2) O primeiro campeonato de futebol da cidade foi disputado em 1906 e reuniu seis concorrentes: o Fluminense (campeão), o Botafogo, o Paisandu, o Rio Cricket, o Bangu e o Futebol Atletico.

**BENEDITO DOS REIS LOBO** — São João da Boa Vista — Desculpe, mas esta seção é para atender a perguntas mais ou menos curtas. O que o senhor pede em seu bilhete, porém, daria para encher um almanaque esportivo e nós não dispomos de tempo e espaço para fazer um almanaque para um leitor só. Voite com perguntas em pequenas doses e teremos prazer em fazer o possível para atendê-lo.

# BILHETES

**JOSÉ MARIA VOGAL** — Rezende — Estado do Rio — 1) — Nos três campeonatos que levantou invicto, o Vasco contou com estes times: 1945 — Rodrigues - Augusto e Rafanelli - Beracochea - Ely e Argemiro - Djalma (Ademir) - Lélé - Isaias - Jair e Chico. 1947 — Barbosa - Augusto e Rafanelli (Wilson) - Ely - Danilo e Jorge - Djalma - Maneca - Friaça (Dimas) - Lélé (Ismael) e Chico. 1949 — Barbosa - Augusto e Sampaio (Wilson, Laerte e Jorge) - Ely - Danilo e Alfredo - Nestor - Maneca - Heleno de Freitas (Ademir) - Ademir (Ipojucan) e Mario (Chico). 2) — No torneio Rio-São Paulo de 1950, o Vasco foi o vice-campeão com quatro pontos perdidos, enquanto o Corinthians foi o campeão com três pontos.

**MANOEL GOMES** — Anchieta — Rio — 1) — O Vasco tem nove títulos de campeão da cidade, a saber: 1923, 1924, 1929, 1934, 1936, 1945, 1947, 1949, 1950. 2) O primeiro time campeão cruzmaltino teve esta formação: Nelson - Leitão e Mingote, Nicolino - Bolão e Arthur - Pascoal - Torteroli - Arlindo - Cecy e Negrito. 3) — Nos anos de 1945, 1947 e 1949 o Vasco foi campeão invicto.



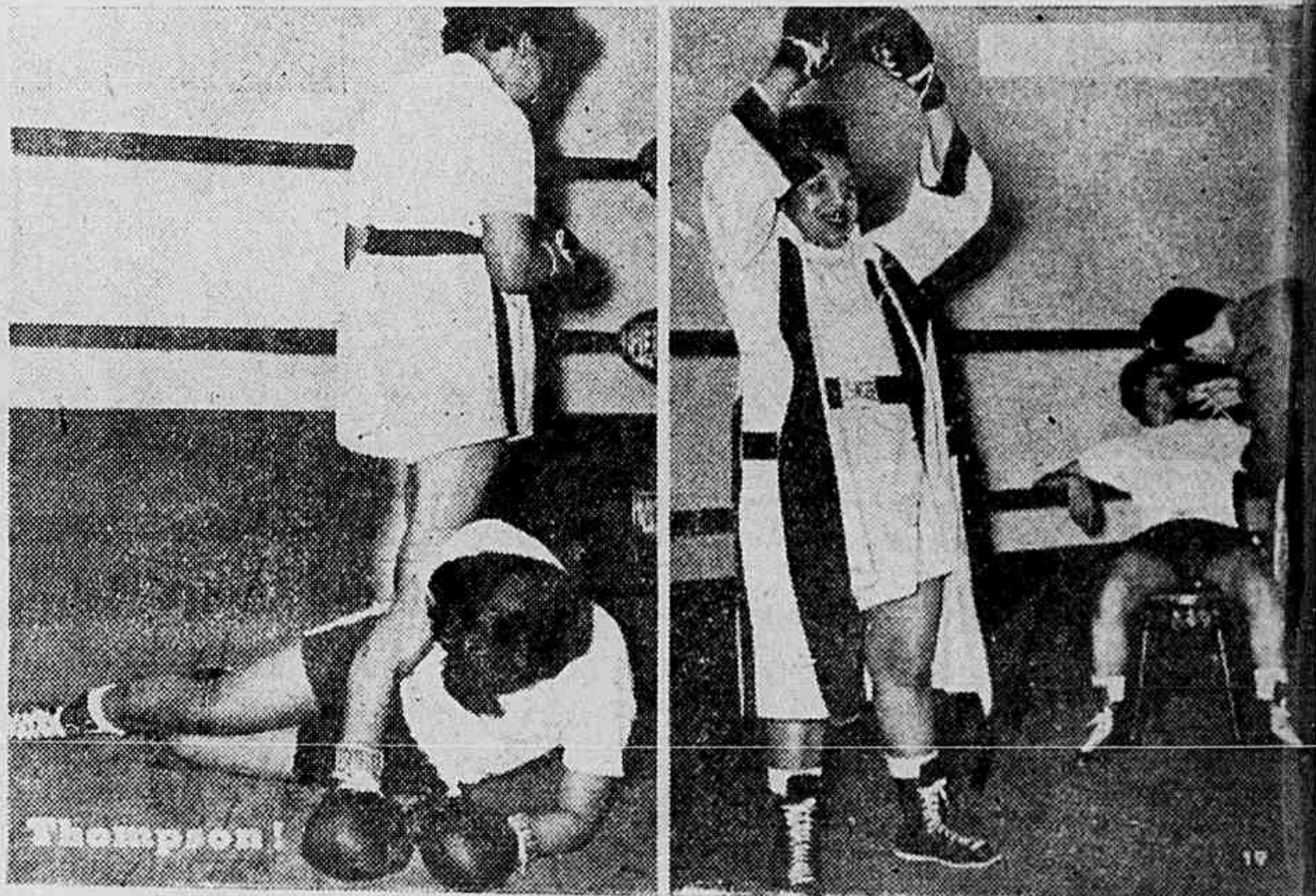
Mirim, pelo leitor Almir Gomes, desta capital.

**RENATO CESAR GONÇALVES** — Curitiba — Parana — 1) — No campeonato de 1929, o Vasco venceu o América por 1x0 no turno e 2x0 no retorno. Na competição desempate do título de campeão, houve um empate de 0x0 no primeiro jogo, outro de 1x1 no segundo jogo e por fim o Vasco venceu por 5x0 no terceiro. 2) — No total de jogos (58) o Vasco tem 37 vitórias, o América 11 e registraram 10 empates.

**GERALDO VIANNA** — Copacabana — Rio de Janeiro — Na fila para publicação oportuna os seus desenhos de Castilho, Augusto e Tarzan. Rejeitado o de Juvenal, do Palmeiras.

## Campeã Mundial

DERROTA  
HOMENS  
E  
MULHERES



"Desafio a qualquer mulher do mundo — tenha o peso que tiver! — a me enfrentar numa luta em dez rounds pelo título de campeã do mundo". Aí está a frase que Gloria Thompson repete quando há ou não oportunidade — ela é mesmo de briga! E numa briga muito seria derrotou recentemente Louise Bertuna, uma inglesa que teve a triste idéia de murmurar perto de um reporter

CABELOS BRANCOS só tem quem quer

**JUVENTUDE ALEXANDRE**

BELEZA E VIGOR DOS CABELOS

USA E NÃO MUDA quem os não quer

# DO LEITOR

De CARLOS ARÊAS

**OSCAR JEREMIAS** — Carangola — Minas — 1) — Friaça é natural de Porciuncula (Estado do Rio), mas quando veio para o Vasco estava jogando aí em Carangola. Ele e o meia Eugen. 2) — Ipojuacan nasceu em Maceió (Alagoas) e Jorge é pernambucano, de Recife.

**LUIZ HUMBERTO MARTINS PEREIRA** — Tijuca — Rio de Janeiro — Na fila para publicação oportuna os seus desenhos de Tesourinha, Cidinho, Simões, Nívio, Villalobos, Moacir Bueno, Vitor e Quincas. Rejeitados apenas os de Orlando e Geninho.



Gringo, desenho do leitor Antonio Facury, de Uberaba, Minas.

**JOAO JONAS DE MOURA** — Petropolis — Estado do Rio — 1) — O Bangu só foi campeão da cidade uma vez, em 1933, no primeiro campeonato de profissionais. O quadro alvi-rubro formou assim: Euclides - Mario e Sá Pinto - Ferro (Paulista), Santana e Medio - Sobral - Ladislau - Tião - Plácido e Orlandinho. 2) — Oswaldo, o atual goleiro do Bangu, pertencia ao Ypiranga, que o vendeu à Portuguesa de Desportos por 400.000 cruzeiros. Mas Oswaldo recusou-se a jogar pelo clube luso principalmente porque o seu passe estava fixado em 72.000 cruzeiros apenas e o Ypiranga iria assim ganhar muito alto à sua custa.

**MANOEL LIMA** — São Paulo — Capital — 1) — No campeonato brasileiro de 1950, os paulistas eliminaram os gauchos com um empate de 1x1 em Porto Alegre e uma vitória de 6x1 em São Paulo e os cariocas eliminaram os mineiros com duas vitórias: 4x2 em Belo Horizonte e 3x0 no Rio. 2) — Na decisão do título os cariocas foram os campeões com uma vitória de 4x0 no Rio e dois empates de 2x2 e 1x1 em São Paulo.

**RUBENS JOSÉ DA CUNHA** — Piedade — Rio — O senhor tem razão na sua reclamação. O desenho do Ademir do número 652 era seu mesmo. Desculpe a troca de nomes.

**JOSÉ COSTA MIRANDA** — Niterói — Estado do Rio — 1) — Só dois clubes foram tri-campeões até agora. O Fluminense por duas vezes, em: 1917 - 1918 - 1919 e em 1936 - 1937 - 1938, e o Flamengo uma vez, em: 1942 - 1943 - 1944. 2) Os quadros do Fluminense nos anos dos tri-campeonatos foram estes: 1919: Marcos - Vidal e Chico Netto - Lais - Oswaldo Gomes e Fortes - Mano - Zézé - Welfare - Machado e Bachi. 1938 — Batatais - Guimarães e Machado - Bioró - Brant e Orozimbo - Novelli - Romeu - Fogueira - Tim - e Hercúles. Também jogaram: Nascimento, Moisés, Santamaria, Milton, Sandro e Vicente. 3) O time do Flamengo no ano do tri-campeonato, 1944, formou assim: Jurandir - Newton e Quirino - Biguá - Bria e Jaime - Jacyr (Valido) - Zizinho - Pirilo - Tião e Vêvé.

**DERALDO OTAVIO FARIA** — Salvador — Bahia — 1) — A nosso ver os melhores meias de ligação do campeonato de 1951 foram Zizinho e Ranulfo. 2) O melhor arqueiro: Castilho. 3) Maneca é o mais destacado jogador baiano do futebol carioca.

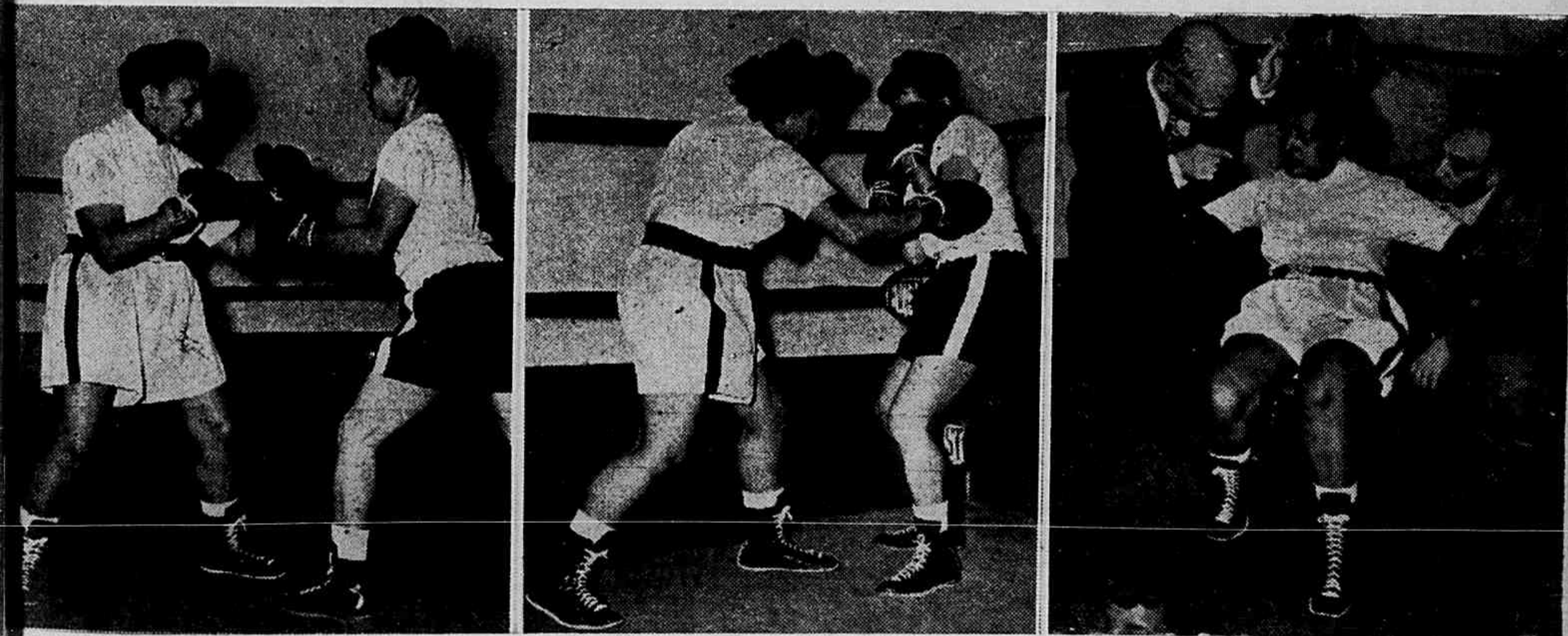
**JOSÉ MENDES BARBOSA** — Coqueiral — Pernambuco — 1) — Haroldo, o zagueiro campeão de 1946 pelo Fluminense, esteve no Olaria e agora está no interior de São Paulo. 2) Jogadores pernambucanos no Rio atualmente são Ademir, Cido, Almir, Orlando, Jorge, Amorim, e uns poucos mais. Não chega para um time completo. 3) — Rejeitados os seus desenhos de Leonidas, Danilo, Augusto, Dimas, Serafim (do Sporting), Ivan, Volante e Zizinho.



Sergio Dias, desta capital, é o autor deste desenho de Jim Thorpe, o famoso atleta norte-americano.

**MARIO MEIRELES VIEIRA** — São Caetano — São Paulo — 1) Na melhor de três do campeonato brasileiro de 1950 os resultados foram estes: 1.º jogo: no Rio — Cariocas 4x0 Paulistas; 2.º jogo: em São Paulo — Empate 2x2; 3.º jogo: em São Paulo — Empate 1x1. 2) Na hipótese de nova melhor de três entre paulistas e cariocas neste ano de 1952, a terceira partida será disputada aqui no Rio, no Maracanã.

**MANOEL COUTO** — Rio — Na fila para publicação oportuna o seu desenho do veterano campeão Jack Dempsey.



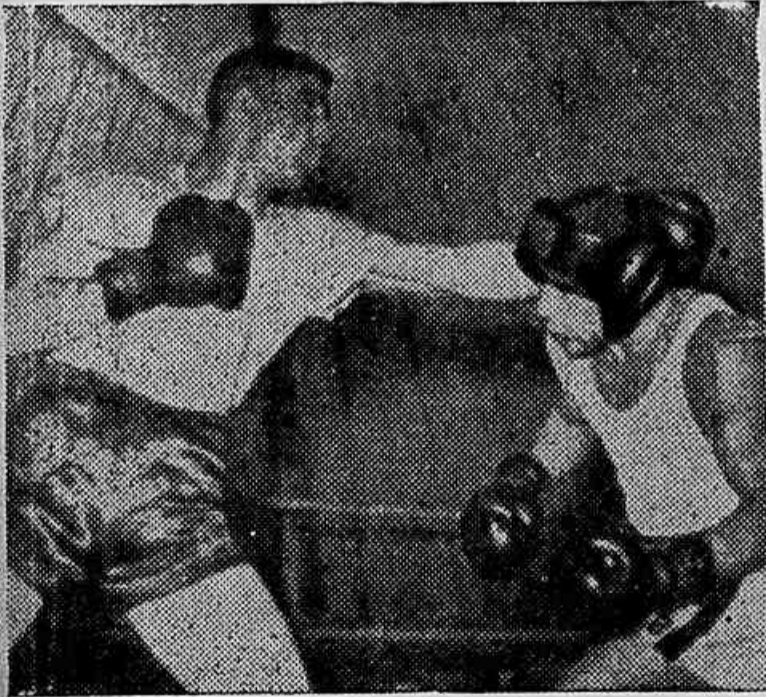
que "estava disposta a acabar com a prosa dessa negra americana". Gloria Thompson pesa setenta quilos, e em dois anos de atividade pugilística registra em seu cartel 17 "knock-outs", um empate e 4 derrotas — estas no início da sua carreira.

Mas há um detalhe importante nesses dados: apenas dois dos seus adversários eram mulheres — os restantes eram homens! Joe Louis é o ídolo de Gloria — pudera, êle lhe ensinou a "nobre arte". A série de fotografias aqui publicadas foram feitas durante a última luta e — sem dúvida! — a última vitória de Gloria, em Chicago.



Beatriz Turpin está orgulhosa de seu "menino" Randolph Turpin Jr., que derrotou Sugar Ray Robinson, tornando-se campeão mundial dos meio-pesados. Mais tarde, numa segunda luta, Randy perdeu o título. A Sra. Turpin muito sofreu para criar e educar seus 5 filhos pretos.

## «A côr me fêz campeão»



O treinador americano Mel Brown abaixa-se para evitar um esferde de Turpin. Sugar Ray estranhou o estilo do pugilista inglês.

no "front", durante a guerra de 1914-18, morreu quando Randy tinha apenas oito meses de idade. A tocante história de uma mãe branca, sôzinha no mundo com cinco filhos negros, ressalta do que a seguir vamos ler.

\*\*\*

COM três meninos (eu era o caçula deles) e duas meninas para cuidar, minha mãe teve de enfrentar uma vida extremamente penosa. Esfregou chão, lavou roupa, cozinhou e fez outros serviços domésticos para evitar que seus filhos fossem internados num asilo. E com a pequena pensão que recebia do Ministério da Guerra, Beatriz Turpin incutiu-lhes a honestidade e o amor a Deus. Tempos houve em que sentiu o peso da cruz que carregava; ficou surda,

**D**ESDE 1891, vinha a Inglaterra ensaiando, sem êxito, reaver o título de campeão mundial dos meio-pesados. Coube a um moço de 23 anos, filho de preto de uma das colônias inglesas e de mãe branca, realizar a façanha. Seu nome: Randolph Turpin. Para êsse jovem negro a estrada da glória não foi de modo algum fácil. Pelo contrário, até, ela sempre esteve cheia dos terrores da pobreza, da fome, dos preconceitos. Para tornar as coisas piores, aconteceu que seu pai, vítima de envenenamento por gás

e a pouco e pouco sob a ameaça da cegueira. E havia gente que a chamava de nomes cruéis. Felizmente, meu avô, seu pai, amparou-a no que pôde, caindo de amores pelos cinco netos pretos.

Crescemos, Dick (o mais velho, que foi campeão dos meio-pesados da Inglaterra e o primeiro negro que pôde disputar um título inglês); Jackie (que é peso-leve) e eu, no Condado de Warwickshire, entre vizinhos brancos. Eram constantes as brigas com outros meninos. Nós, os Turpins, tínhamos de ser fortes, para impedir que nossas irmãs, Kathleen e Joan, fossem alvo de injúrias.

Aos 14 anos, com muita experiência em lutas, resolvi que faria carreira no box. Como amador, ganhei cinco títulos, que seriam o meu cabedal. Meu treinador, nessa ocasião, era o inspetor Gibbs, da polícia de Lamington. A fim de reunir dinheiro suficiente para entrar para o Clube Atlético, fui obrigado a ser estafeta e jornalista.

Quando Dick tornou-se profissional, quis seguir-lhe o exemplo, mas fui enxotado, porque não tinha a idade mínima. Esse embaraço não me desanimou. Uni-me a Jackie e juntos fizemos diversas exibições de box. De ordinário, no fim do espetáculo, alguns espectadores jogavam moedas no ringue: era êsse o único dinheiro que enxergávamos.

Eu era ambicioso e estava sempre alerta — cedo descobri as vantagens monetárias



O empresário George Middleton, à direita, é um dos responsáveis pelo bom êxito de Randolph Turpin nos ringues.



Snooquer com o irmão Jackie, à esquerda, ajuda a matar o tempo até à hora de dormir. Randy deita-se às 9 e levanta-se às 5.

do pugilismo. E por isso tratei de ingressar na Academia Hickman de Box, em Kenilworth. Aí cresci como especialista em nocautes. Aí aprendi todos os truques da profissão.

Durante a última guerra, servi como cozinheiro na Marinha, mas pratiquei o box sempre que tive uma oportunidade. Após a desmobilização, tomei a sério minha carreira de pugilista profissional.

O match que me deu chance foi contra um feroz lutador chamado Leon Fouquet, em 1947. Eu tinha 19 anos, na época. Fouquet era o campeão belga dos meio-pesados. Foi posto a nocaute em 2 minutos e 55 segundos. Daí ao cume a minha caminhada foi rápida. Em 43 lutas profissionais, venci 40, principalmente por nocaute, perdi 2 e empatei uma. Minha primeira derrota por pontos foi com Albert Finch, campeão inglês dos meio-pesados em 1948. No ano seguinte, pondo-o a nocaute no 5.º round, fiquei de posse do título. Jean Stock, da França, foi outro que me derrotou, num 5.º round. Dois anos e meio mais tarde venci-o nesse mesmo round.

Os dois homens responsáveis pela minha carreira são o meu empresário, George Middleton, e Leslie Salts, gerente de "Gwrych Castle", onde faço meus exercícios. Meus treinadores são meus irmãos, Dick e Jackie. Bill Hyam supervisiona a minha preparação.

Fora do ringue, ao que dizem meus amigos sou acanhado e arisco. Não sei se realmente sou. Sei que tenho grande orgulho de minha herança negra. Gosto de animais e de longos passeios. Meu casamento com uma moça inglesa não deu certo, por isso estamos



Hóspede de honra do carnaval do festival da Inglaterra em Shanklin, Randolph teve uma vibrante e carinhosa recepção. Aqui o vemos em companhia de Patricia Compton, eleita Rainha da Beleza. Dick e Jackie também foram à festa na ilha de Wight.

agora separados. Nosso filho, Randolph Junior, está com minha mãe.

Graças à bolsa de 36.000 dólares, que obtive na minha luta com Sugar Ray Robinson, comprei uma casa para minha mãe, em Warwick. Todos nós, seus filhos, amamos a corajosa mulher branca, que sofreu durante toda a vida para proteger seus cinco filhos de pele escura. Seu grande momento surgiu quando, a meu lado, viu quase que toda a população de Warwick aglomerada na praça para ovacionar-me. Havia lágrimas nos seus olhos quando, em soluços, murmurou: "Isto serve para mostrar a essa gente que meus meninos sabem fazer grandes coisas, apesar de desprezados e humilhados por causa de sua cor". O que, para mim, resume as razões todas que me levaram a ser pugilista. E estou certo que a cor me fez campeão.



Estes são os três irmãos Turpin. Da esquerda para a direita aparecem Dick, Jackie e Randolph, num exercício matinal.



Em casa, antes de ir para a cama, Randy e Jackie habitualmente passam revista aos principais acontecimentos do dia.

## "VÁ PARA O DIABO!"

**K**ID Broad foi um pugilista que se tornou famoso pela capacidade de suportar os mais duros castigos no ringue. Era derrubado um incontável número de vezes, mas nenhum adversário podia jactar-se de tê-lo posto a nocaute. É que, sempre que ia à lona, Kid fazia um apêlo às suas reservas de energia. — Vamos, rapaz! — dizia êle. Levante-se! Não se deixe ser posto a nocaute. Apanhe como um boi ladrão, se fôr preciso. Seu pai lá em Cleveland não gostará de saber que você foi derrotado como um maricas!

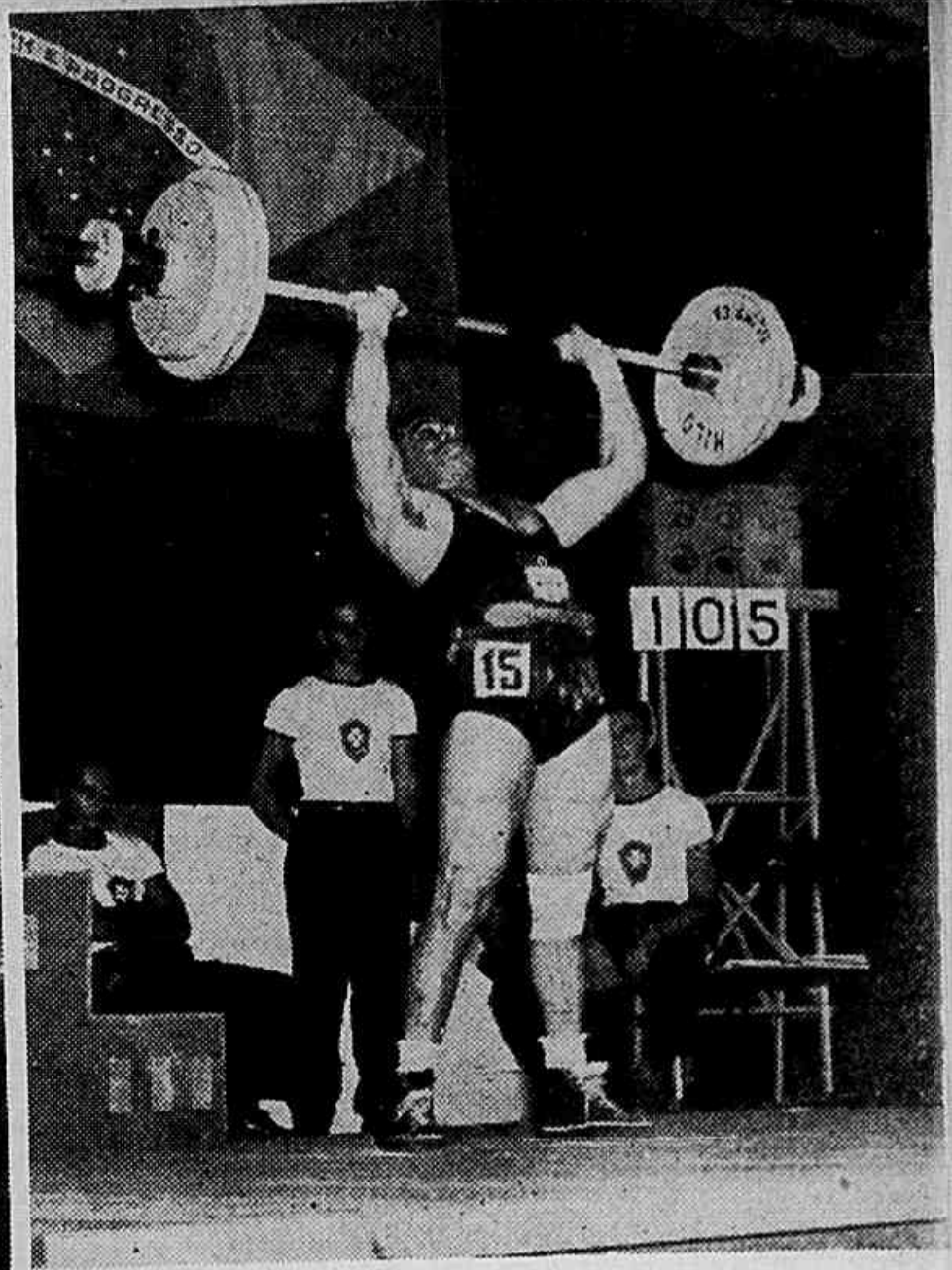
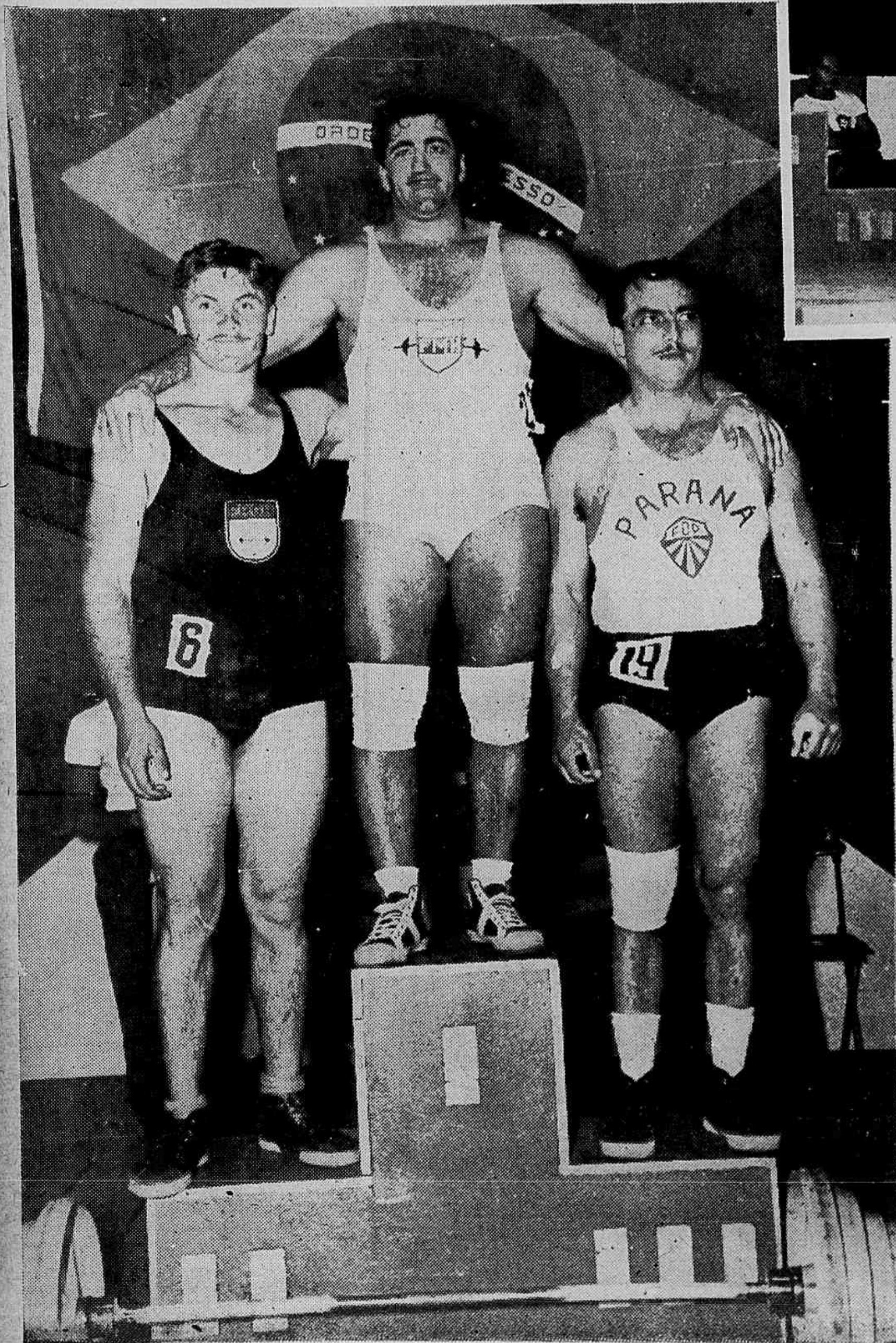
Com essas palavras Kid Broad conseguia equilibrar-se nas pernas e voltar à luta. Um dia, porém, teve de enfrentar Aurelio Herrera, considerado o pugilista de sóco mais potente da divisão dos pesos-leves Logo que se encontraram no

ringue, o mexicano aplicou um terrífico direto no queixo de Kid. Este foi à lona, muito abalado. Mas, ficando de quatro, fez o apêlo de sempre: Vamos, rapaz, levante-se! Seu pai lá em Cleveland ficará triste se você perder esta luta!

Reanimado, levantou-se e caminhou para outro sóco de Herrera. Tornou a cair. Fez um novo apêlo. Levantou-se. Assim foi êle apanhando no transcurso dos primeiros quatro rounds. Seus fás estavam maravilhados com tanta resistência. No quinto round o mexicano acertou-lhe o mais forte golpe da luta. Ei-lo outra vez na lona! Com dificuldade apoiou-se num joelho e recomeçou o apêlo: Levante-se, rapaz, levante-se! E, para surpresa dos assistentes, começou a levantar-se. Mas quando já estava quase de pé, pronto para levar outro sóco, jogou-se à lona, pôs a mão direita sob a cabeça, a modo de travesseiro, e gritou, zangado: Vá para o diabo o velho de Cleveland. Se eu me levantar agora aquele gajo me mata!



# MÚSCULOS em desfile



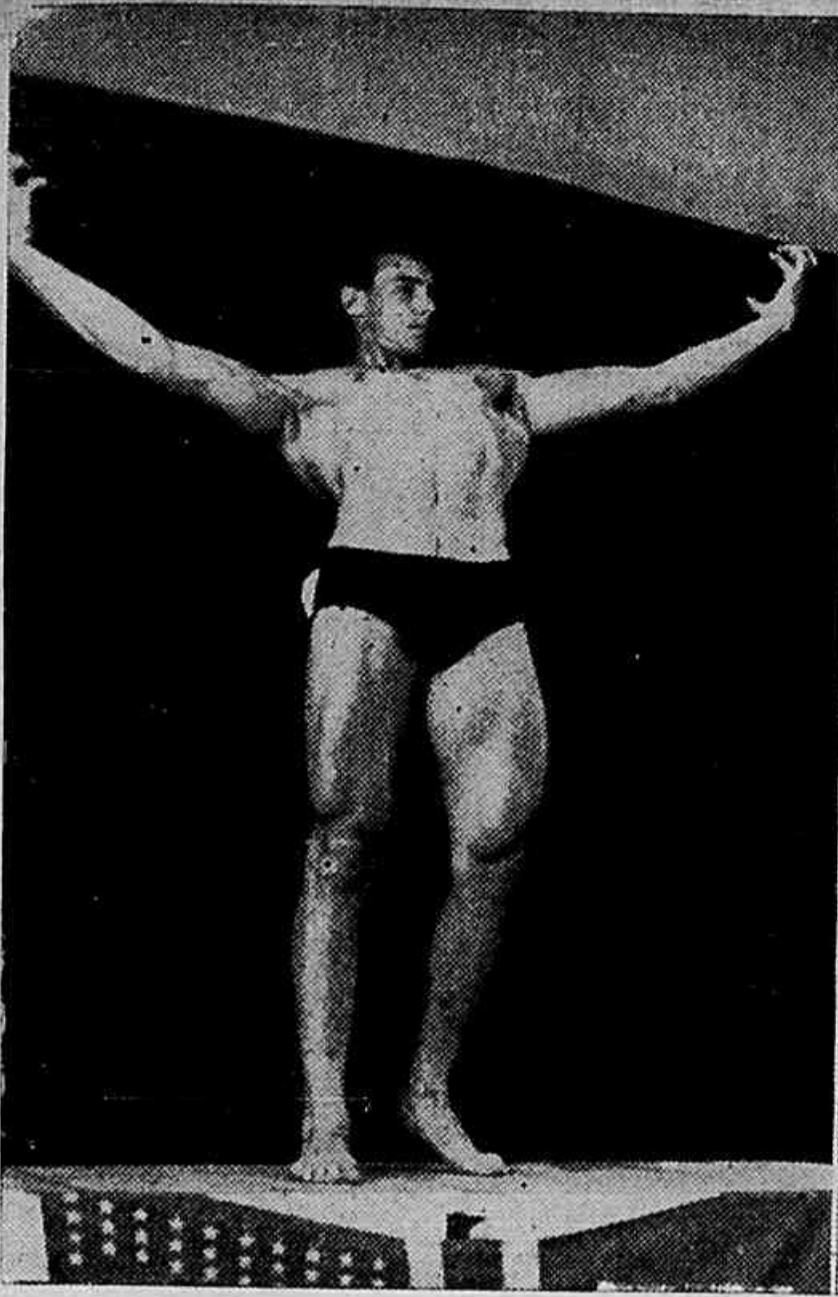
Um esforço final e estará completo o levantamento.

**P**ODE-SE afirmar com segurança que vai longe o tempo em que o halterofilismo era esporte quase desconhecido entre nós. De certame a certame realizado, maior é o número de agremiações que surgem para incrementar a prática do esporte dos músculos. E, dada essa difusão do halterofilismo, é interessante notar algumas observações que têm sido feitas em países onde é grande o número de rapazes que se dedicam à prática dos halteres. O fito único e exclusivo é o de obter a beleza física masculina, com o aperfeiçoamento muscular, com a conquista da melhor proporção e dos mais possantes músculos. Todavia, já foi dito, essa perfeição muscular pouca influência exerce entre o meio feminino. Embora o corpo de atleta sempre chame a atenção das moças, o caso específico do atleta que pratica o halterofilismo não leva grande vantagem, de vez que elas cuidam antes de examinar os traços fisionômicos, vindo em plano secundário a perfeição muscular. É claro que nas praias por exemplo, o halterófilo reunirá forçosamente as atenções gerais. Mas de qualquer forma será sempre um esporte útil, esse que tem por base única o desenvolvimento do vigor físico.

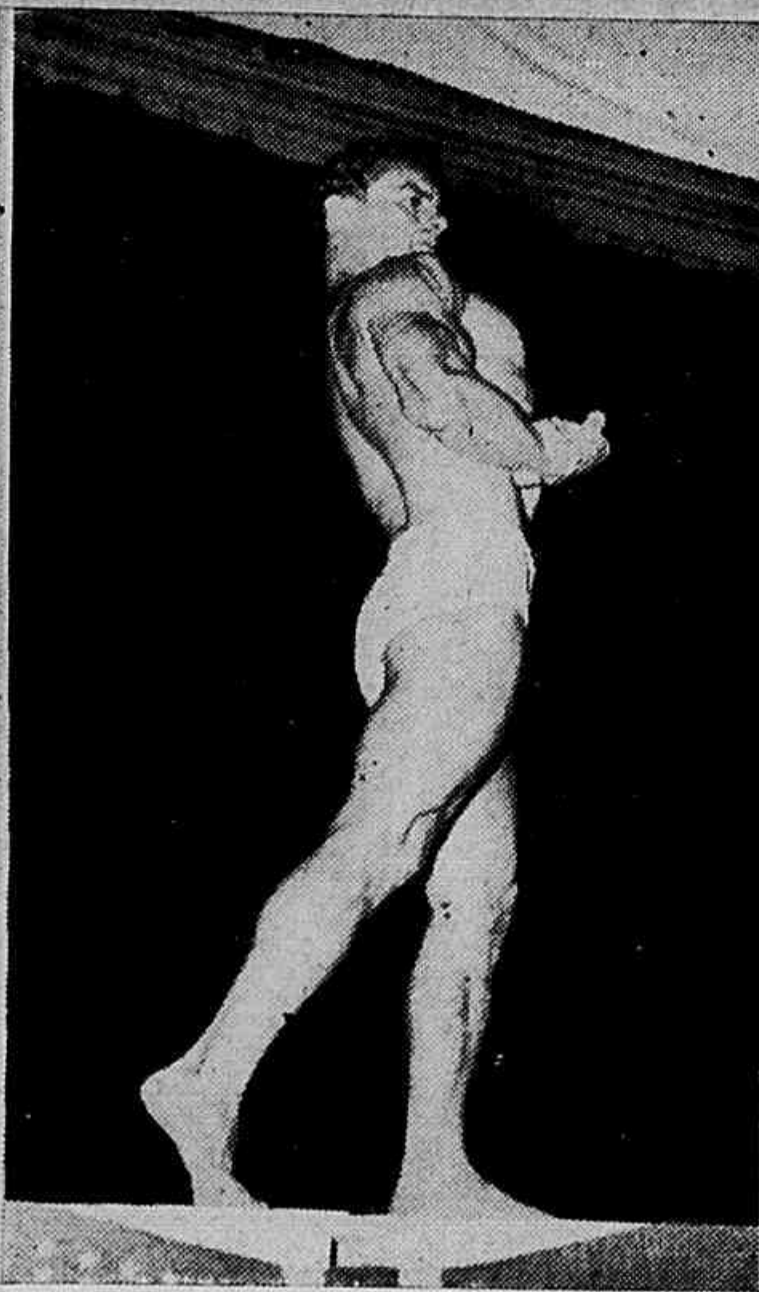
#### MAIS CAMPEÕES ESTE ANO

**O** RECENTE Campeonato Brasileiro de Halterofilismo mostrou marcadamente o desenvolvimento geral desse esporte nos maiores centros brasileiros. O certame não foi tão somente uma simples exibição

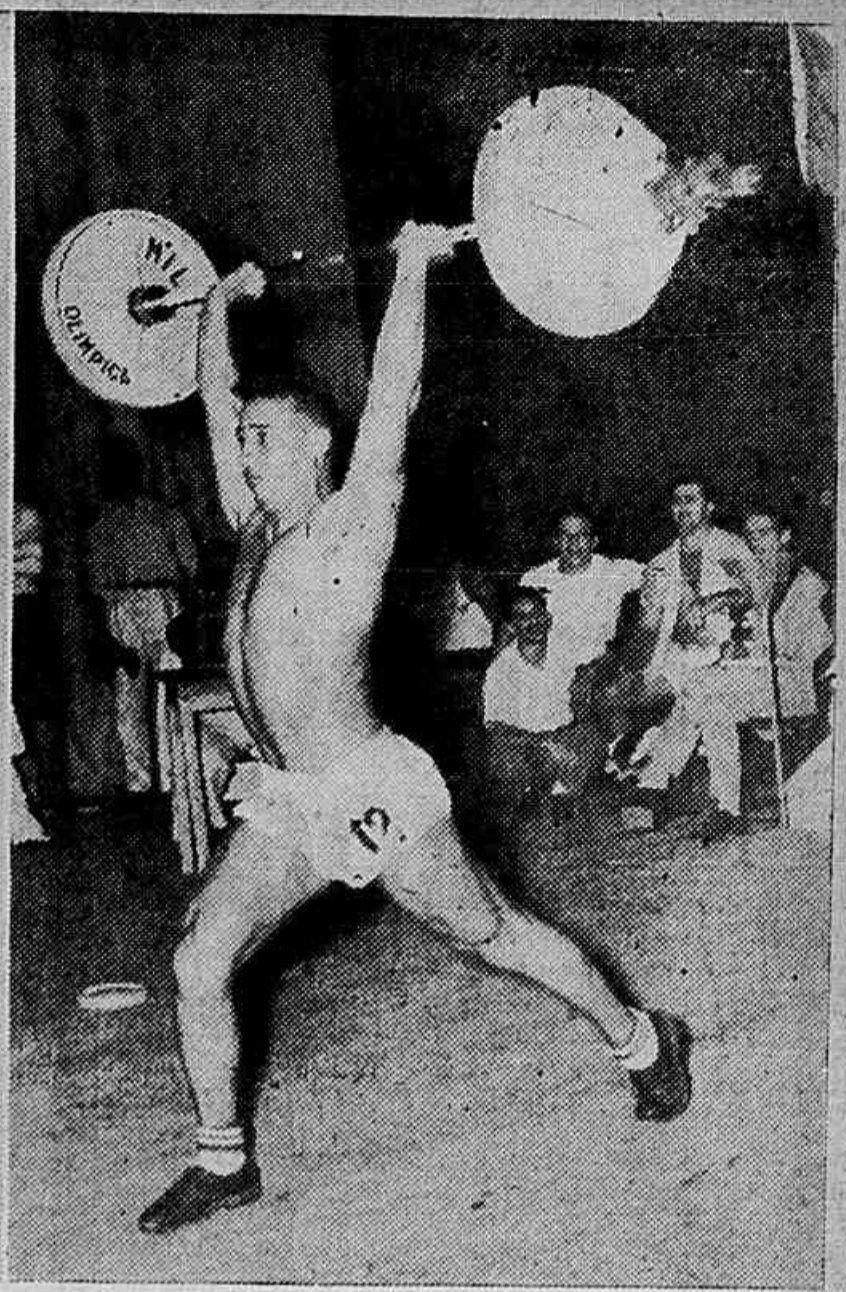
Três expressões do halterofilismo nacional: o campeão pesadíssimo ladeado pelo paulista e pelo paranaense.



O MELHOR MODELADOR DE 1952.



O tórax espetacular de Gerson Dória.



O levantamento de pêso em plena ação.

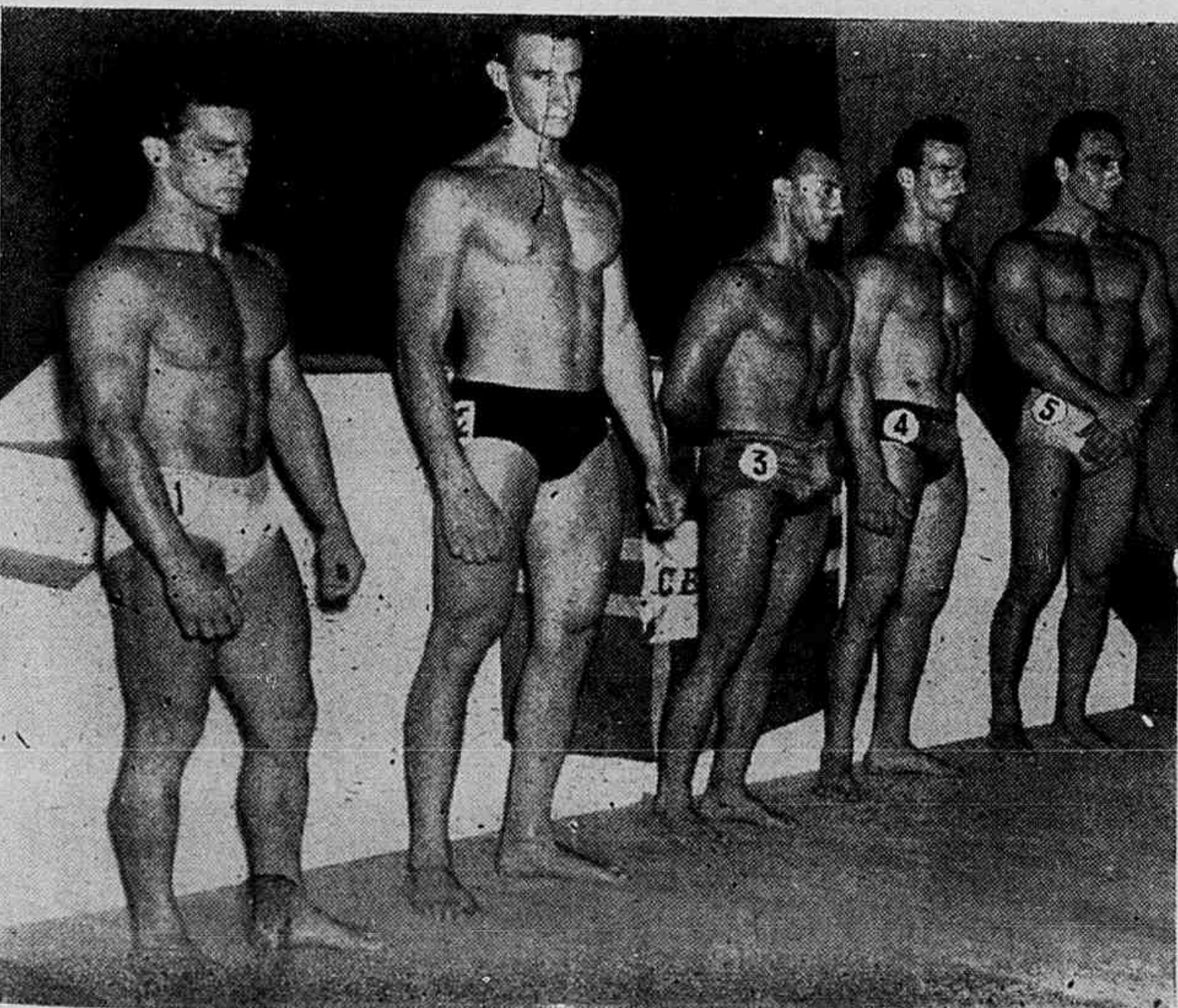
de força, mas uma competição renhida, dado o apuro físico e técnico de representantes de várias federações. O campeonato, dividido em duas etapas, teve a supremacia inicial dos cariocas, mas a vitória final dos paulistas, que se sagraram campeões brasileiros, veio dar novo colorido ao certame. Foi uma vitória brilhante, tanto mais que os índices técnicos alcançados foram sobremodo satisfatórios. E assim os bandeirantes arrebataram o título, vencendo três das quatro provas do certame, levando também os títulos individuais de Modelagem e Físico. Nas várias categorias, foram apurados os novos campeões. São Paulo levou o título dos pesos-médios, com a performance de Calil Hadad, com o desenvolvimento

de 87,500 quilos, arranco de 85 quilos e arremesso de 115 quilos, dando um total de 287,500 quilos. O vice-campeão foi um paranaense. Na categoria imediatamente acima, isto é, entre os pesos meio-pesados, o paulista Silvino Robin arrebatou o título, com desenvolvimento de 105; arranco de 102,500 e arremesso de 137,500, somando o total de 345 quilos. O vice-campeonato coube nesta prova a um carioca — Ricardo Calmon, com desenvolvimento de 100, arranco de 102,500 e arremesso de 132,500, no total de 335 quilos. A prova de pesos-pesados foi outra vitória de São Paulo, representado por Bruno Barabani, que desenvolveu 90, com arranco de 105 e arremesso de 120, total, 305 quilos. O vice-campeão foi o carioca Luiz Aguiar, com desenvolvimento de 85, arranco de 95 e arremesso de 122,500, com o total de 302,500 quilos. Afinal, a prova máxima, destinada aos pesadíssimos, que deu o único campeão carioca, que foi Valdemar Silveira, com desenvolvimento de 115, arranco de 112,500 e arremesso de 147,500, com o total de 375 quilos. O segundo lugar coube a Sergio Varnowski, paulista, com um total muito abaixo 297,500 quilos.

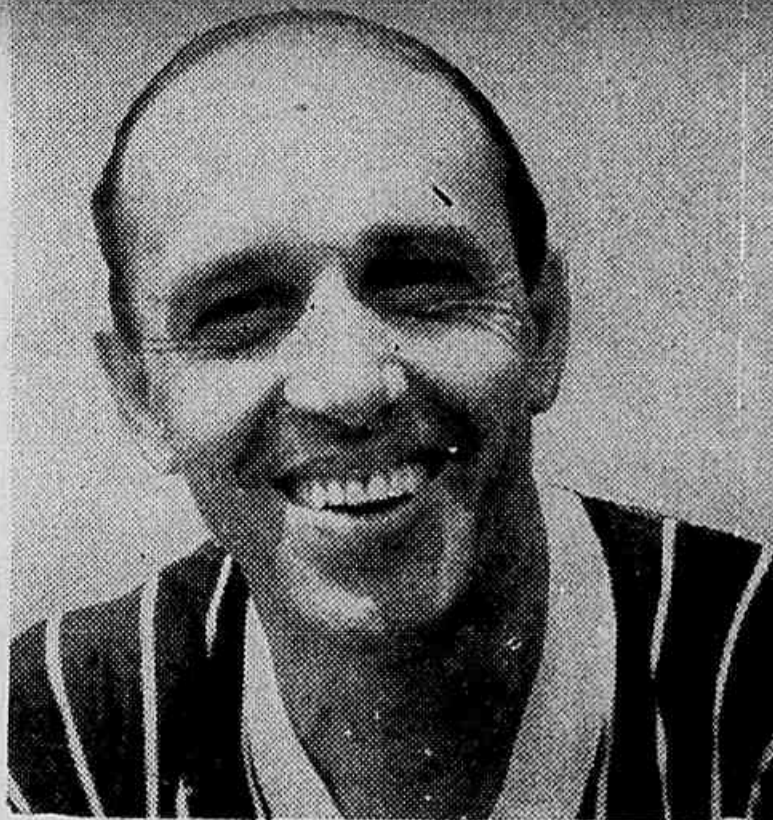
#### O DESFILE DOS MODELADORES

**E**M desfile à parte, os modeladores apareceram com destaque. Não há nessa prova do certame a necessidade de exibições de potência muscular, mas apenas entra em alto grau a técnica de conseguir os melhores efeitos na plástica da musculatura. Dividida a parte de modelagem em duas classes, o paulista Gerson Dória reuniu 198 pontos, vencendo a classe A, enquanto seu companheiro de delegação, Hallem Chatti, levou a melhor na classe B, mas perfazendo um total de pontos algo superior — 222 — o que lhe deu a condição de melhor Modelador do Brasil em 1952. E na parte do levantamento, o melhor Levantador de Pêso do Brasil em 1952 foi o carioca Valdemar Silveira, com sua performance na categoria dos pesadíssimos.

O desfile dos modeladores — foi um ponto alto do certame brasileiro.



# OS MAIORES DO FUTEBOL CARIOCA



**ZEZÉ MOREIRA**, o técnico campeão, juntou mais um título à sua carreira esportiva. Teve lauréis como jogador e agora firmou um sólido cartaz de técnico. Tem sido um pouco combatido por sua orientação de trabalho, mas venceu afinal. Como técnico de futebol, o campeonato de cinquenta e um é o seu segundo título, de vez que também foi campeão carioca em quarenta e oito pelo Botafogo.



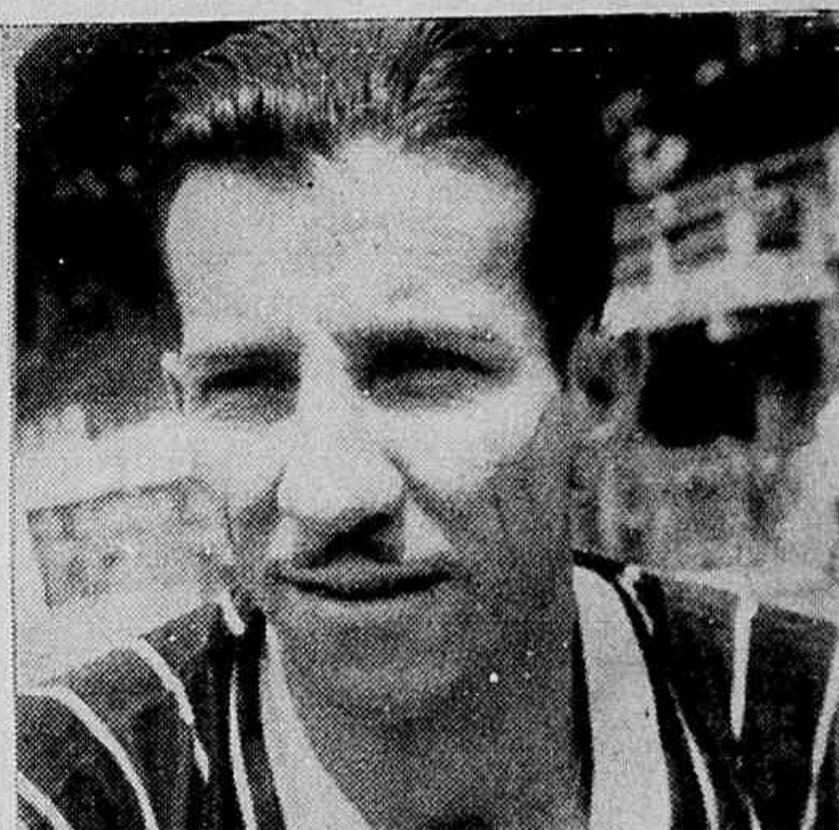
**CARLOS CASTILHO** foi neste campeonato o mesmo grande goleiro que se revelou no próprio Fluminense. Castilho tem sido o herói de várias jornadas tricolores, mas este ano teve um prêmio à sua regularidade de produção: o campeonato. Nasceu mesmo no Distrito Federal, em Olaria, onde até hoje reside. E isso aconteceu precisamente no dia 27 de novembro de mil novecentos e vinte e sete.



No princípio da temporada do ano passado, encontramos Edson nas Laranjeiras, ainda um tanto acanhado. Havia chegado de pouco de São João del Rey, mas quem o via treinar, acreditava logo que viesse a vencer no futebol carioca. Assim aconteceu e Edson foi o center-half de toda a campanha tricolor. Nasceu a 14 de junho de vinte e seis, e sua cidade natal é mesmo São João del Rey, mineiro, portanto.



**LAFAIETE** esteve muito tempo nos aspirantes, depois de ter sido uma revelação do quadro campeão de juvenis. Mas como zagueiro mesmo não chegou a ser aproveitado. Quando Zezé Moreira, após tentar todos os halves esquerdos disponíveis, resolveu aproveitar Lafaiete, acertou na improvisação, e foi ele quem atuou com mais acerto na posição. Lafaiete é outro mineiro, mas de Manhumirim, havendo nascido a 1.º de fevereiro de trinta.



O outro médio esquerdo que não chegou a resolver o problema foi Nino. Veio de São Paulo no meio do campeonato, e foi o único reforço que o tricolor chegou a contratar, a despeito dos muitos nomes que chegaram a andar nas cogitações do clube das Laranjeiras. Sua idade fez com que a aquisição fosse recebida com restrições pelos meios esportivos. Vindo de São Paulo, é mesmo paulista, tendo nascido a 17 de abril de mil novecentos e vinte e um.



**CARLYLE** foi um dos bons valores com que contou nesta temporada o Fluminense. Vindo de uma permanência pouco regular no esquadrão tricolor, o irrequieto comandante de ofensiva entrou em cinquenta e um com o pé direito. Não se pode dizer que tenha sido um jogador cem por cento, mas os seus gols contribuíram positivamente para os triunfos do quadro. Carlyle é mineiro, tendo nascido no dia 15 de junho do ano de vinte e seis.



**VILLALOBOS** não passou mesmo de reserva. Foi durante todo o campeonato o reserva oficial, mas não chegou nunca a ser aproveitado, inclusive na segunda partida da "melhor de três", quando Carlyle foi suspenso. Ficou, portanto, torcendo mais pelo time, sem participar ativamente de suas vitórias. Villalobos veio do Peru, tendo já vinte e seis anos, de vez que sua data de nascimento é 1-7-27.



**DIDI** ficou duplamente famoso; primeiro como verdadeiro craque do quadro, e depois pelo episódio da contusão de Mendonça. O fato é que foi bastante útil ao seu time, fazendo as numerosas etapas do campeonato com grande eficiência. Didi é fluminense até de nascimento, pois é campista, tendo nascido a 8 de outubro de mil novecentos e vinte e oito.



**PINDARO POSSIDENTI MARCONI**, zagueiro campeão e vice-presidente do Sindicato dos Jogadores Profissionais de Futebol. Pindaro surgiu no futebol carioca como uma grande revelação, apontado até para a seleção. Contudo atravessou uma fase técnica adversa, ressurgindo neste campeonato com todas as suas qualidades. Nasceu em Pádua, no Estado do Rio, no dia 12 de março de 1925.



**PINHEIRO** foi a grande figura do campeonato, consagrado unanimemente como craque. Veio de Campos, no Estado do Rio, aparecendo com destaque no time juvenil do Fluminense em 48, e que foi campeão. Ganhou o quadro titular para afirmar-se como verdadeiro craque. Nasceu a 13 de janeiro de 1932, tendo aniversariado, portanto, no dia da primeira vitória tricolor na "melhor de três".



**VITOR** entrou no time depois do fracasso de Pé de Valsa contra o Vasco, naqueles 4x2 do turno. Era uma solução de emergência, mas não comprometeu e foi ficando. Ganhou jôgo de domingo para domingo e terminou por ser o dono da posição. Foi outro aniversariante de janeiro, pois nasceu no primeiro dia do ano de vinte e oito. É natural do Estado do Rio, tendo visto a luz em Caxias.



**JAIR** não conseguiu ser o jogador que Zezé sempre esperou. Foi mantido no time, sem decepcionar, mas também sem brilhar. Todavia, era o ponto mais fraco da defensiva tricolor e o próprio técnico viu que teria de arranjar um médio de maior categoria. Mas de qualquer forma prestou seus serviços ao quadro campeão e merece uma menção honrosa no final da campanha. Ele é carioca, tendo nascido a 15 de maio de vinte e cinco.



**TELÉ SANTANA** foi a sensação do quadro. Surgindo como ponteiro direito de qualidades técnicas, chegou a ser substituído por deficiência de preparo físico. Mas acabou voltando ao time, reafirmando-se como bom jogador, até que por força de emergência foi deslocado para o centro, marcando os dois gols da vitória. Telé é mineiro de São João del Rey, e nasceu no dia 26 de julho do ano de trinta e um.



**ORLANDO** teve mais uma campanha de eficiente colaboração ao seu único clube no Rio. Do quadro tricolor mesmo, é o mais antigo, tendo feito em dezembro do ano passado vinte e oito anos. Mas nem por isso foi menos eficiente e seu tamanho faz crer que ele também é um dos garotos do quadro campeão. Teve a seu crédito uma série de gols decisivos, como os dos Fla-Flu e o do jôgo da melhor de três com o Bangu. Nasceu em Recife.



**JOEL** esteve permanentemente no cartaz, por força de suas atuações irregulares e também pela insistência de Zezé em mantê-lo no quadro. Infelizmente para ele, poucas vezes chegou a acertar, apesar do número de vezes em que esteve no quadro. Contudo é possuidor de chute fortíssimo e, se ganhar mais confiança em si, poderá vir a ser um jogador útil. Joel é carioca, sendo sua data de nascimento 17 de setembro de mil novecentos e trinta.



Se houve jogador útil ao quadro, esse foi Robson, em que pese a única vez em que atuou no titular. Foi na última partida, em que apareceu como ponteiro, substituindo Joel. O meia campeão dos aspirantes, atuando de ponta no sistema empregado pelo treinador tricolor, saiu-se otimamente, realizando um trabalho eficiente para o ataque. Robson tem vinte e dois anos, nascido a 9 de maio de trinta.

**M**AIS acertado, porém, é atribuir o campeonato conquistado pelo Fluminense, não apenas ao esforço individual dos jogadores, mas sim à força do conjunto. Dentro do sistema em que foi moldado, o quadro campeão, tem que ser encarado mais como quadro do que pelos seus valores individuais. Tanto assim, que a asa-esquerda, por exemplo, sem contar com um grande valor, nem por isso chegou a ser um ponto falho.

O título conquistado pelo Fluminense foi, por assim dizer, o fruto do trabalho coletivo dos onze jogadores que entraram em campo em todos os compromissos, dentro desses onze, é claro, todos que prestaram sua colaboração ao quadro. Assim, o ponteiro Lino, também campeão aspirante e que fez uma partida útil no encontro derradeiro com o Bangu, merece citação, o mesmo acontecendo com Quincas, que, se não conseguiu ficar, ao menos procurou trabalhar nas vezes em que foi escalado.

O trabalho de Zezé Moreira teve fundamental importância na campanha, mormente pela sua decisão de cair com o time, mas não abandonar sua diretriz, por ocasião daquela derrota do turno frente ao Vasco. Foi um conjunto de fatores importantes, cujo rendimento final foi a excelente campanha do quadro titular, aliás, bem secundado por aspirantes e juvenis, de vez que nas Laranjeiras, este ano, só há campeões...



# A MAIOR VÍTIMA DO CAMPEONATO



O drama do Bangu, na série de decisão com o Fluminense, começou naquele lance em que, do choque com Didi, o zagueiro Mendonça caiu para não mais levantar. Dada as dores tremendas que o jogador demonstrava sentir, imediatamente o retiraram para fora da linha do campo, para o necessário socorro. E como mostra o clichê, acercou-se logo muita gente, e o primeiro exame feito pelo médico do Bangu constatou a gravidade.



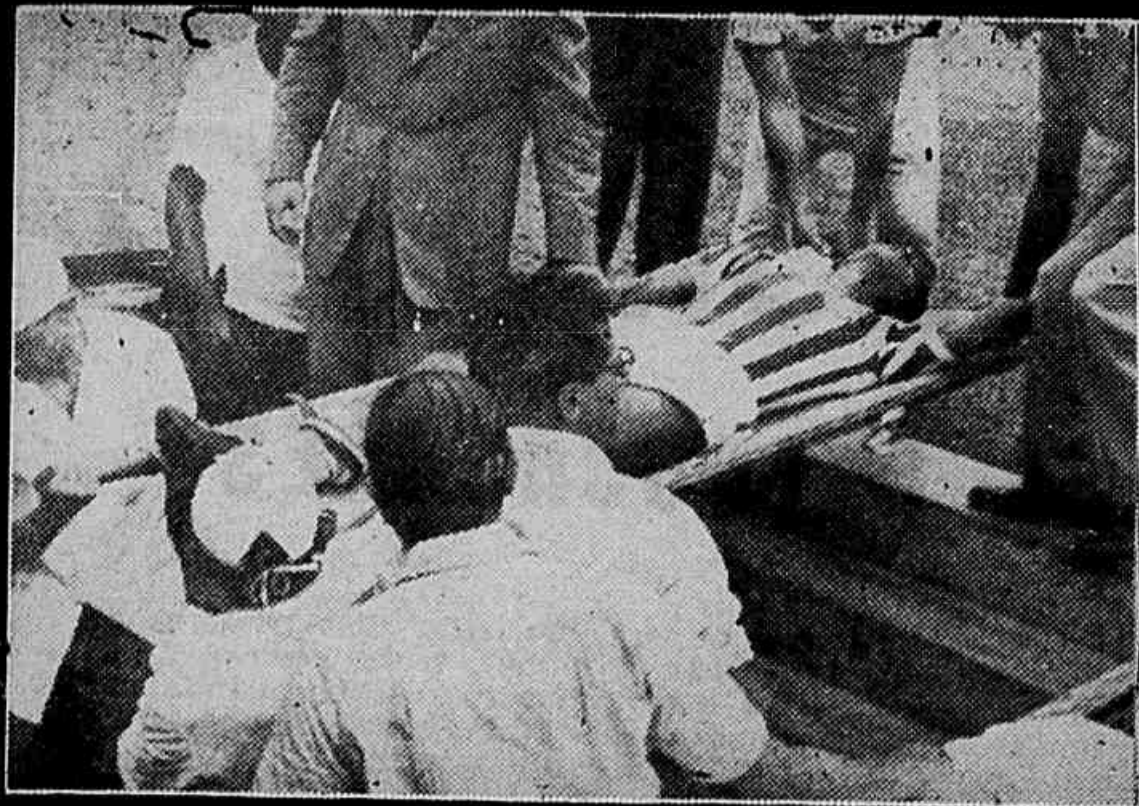
Pelo clichê, os leitores bem podem aquilatar dos sofrimentos de Mendonça, dramaticamente expressos em sua fisionomia. O massagista Pastinha procura suavizar o sofrimento de Mendonça, enquanto o Dr. Hilton Gosling acompanha, recomendando cuidado a cada passo.

Mas até atingir ao tunel, as coisas não passaram assim com a tranquilidade de uma simples descrição. Foram paradas a cada passo, necessárias sempre, porque o jogador sentiu, desde o momento em que foi atingido, dores atrozes. O receio de fratura era bem acentuado, pelas dores provocadas a cada solavanco da padiola.

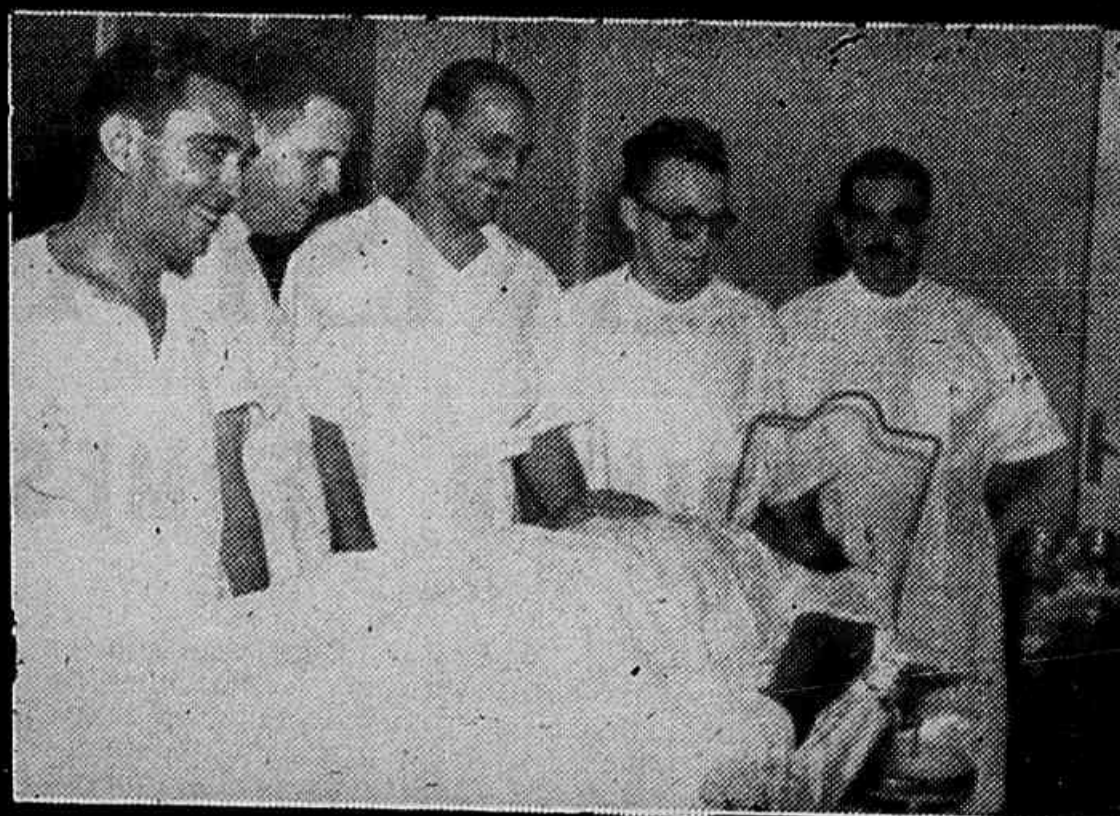
Na entrada do tunel, sempre gemendo dolorosamente, Mendonça foi transportado com carinho, todos ajudando, enquanto o patrono Guilherme da Silveira ainda estupefacto com o acontecido inquiria o Dr. Hilton sobre a gravidade da lesão. Todavia, o quadro falava por si.

A cada passo Mendonça alçava a cabeça para ver como estava o seu joelho. Ele sentia o seu estado e aquela dor fôda mostrava ao jogador a sua gravidade. O jogo prosseguia em campo e Mendonça ainda encontrava ânimo em sua dor para lamentar a sua falta, o desejo que tinha de ganhar aquele match.

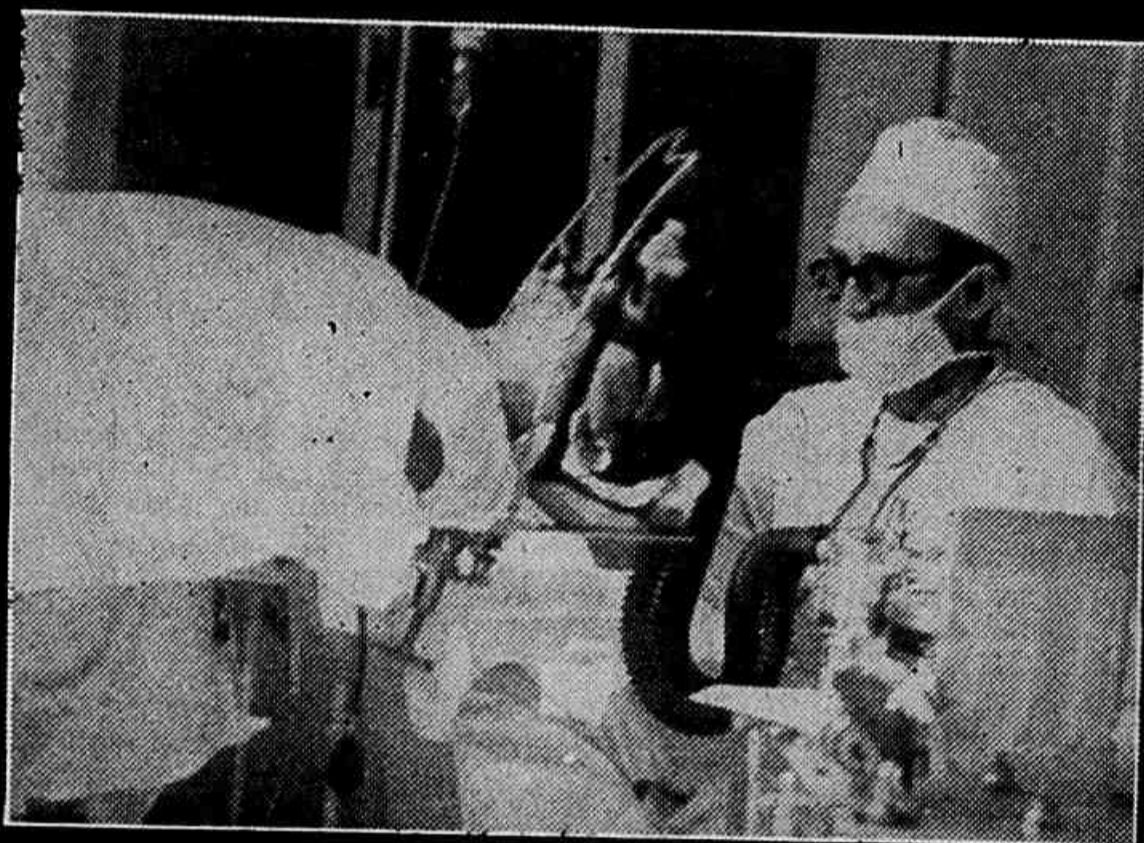
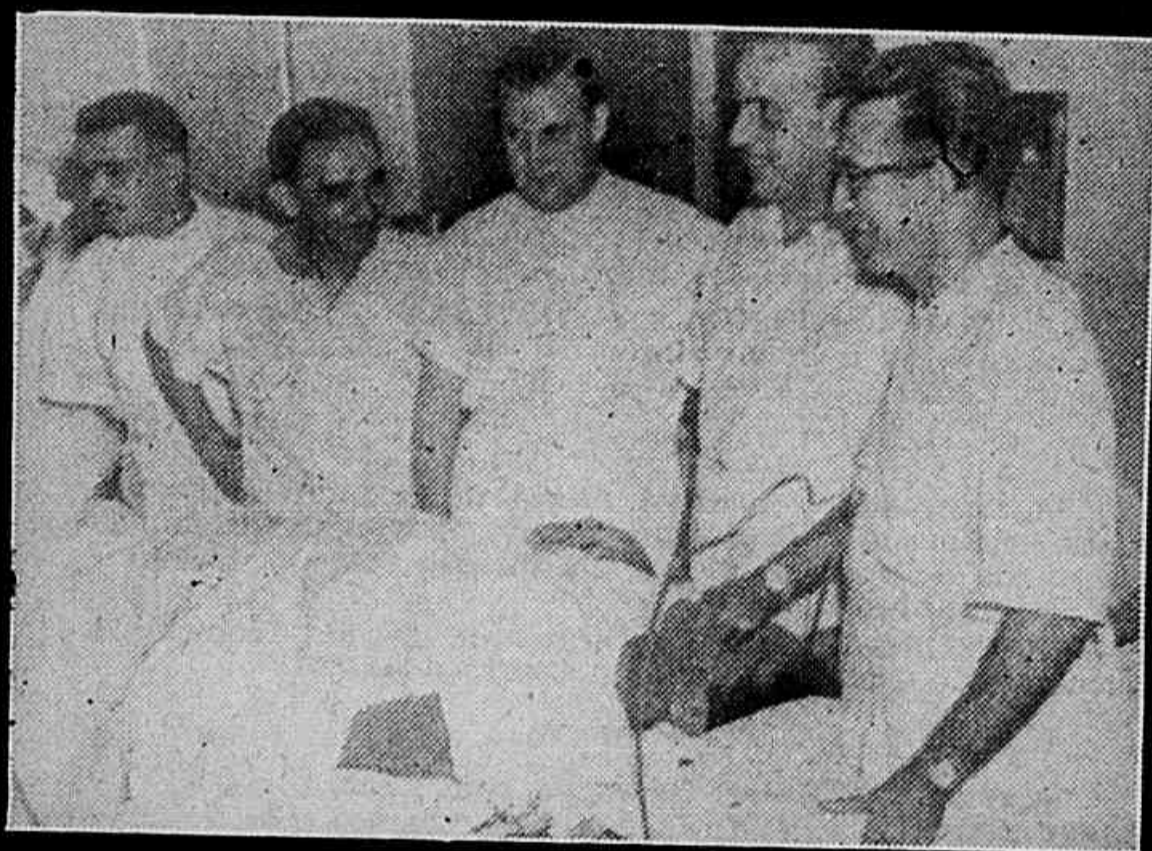




Aí vai ele descendo pelo tunel, rumo à enfermaria, quase desfalecido. Lá em baixo, um exame acurado do Dr. Amílcar Gifoni constatou a ruptura de ligamentos e a necessidade de seu transporte imediato para o Pronto Socorro, para exames e tratamento completo. E mais tarde ficava mesmo constatada definitivamente a ruptura de ligamentos.



Entretanto, seria preferível a fratura, de vez que os exames constataram a extrema gravidade da lesão. Chegou a prognosticar-se a inutilidade para o futebol, sendo então aconselhada uma operação de urgência, capaz de salvar a carreira de Mendonça. No clichê, já em preparativos de operação, Mendonça é animado pelos médicos.



Era preciso animar o paciente, emocionado por saber-se ameaçado em sua carreira, tão cedo ainda. E por isso os médicos riam e procuravam animar Mendonça, afirmando que se tratava de uma operação comum de menisco, como muitos outros craques, já haviam sofrido.

Começou então a atividade na sala operatória. Assistido por seus companheiros, inclusive o Dr. Hilton Gosling, médico banguense, o operador deu início à anestesia total. Mendonça estava pagando na mesa operatória o tributo do futebol. A glória custando lágrimas...

Em plena operação, o fotógrafo colheu este flagrante em que rebrilhou no ar a tesoura nas mãos do operador. O bisturi já havia funcionado antes. E em meio à operação havia esperanças, pois tudo indicava que a lesão, embora gravíssima, poderia ser remediada pela ciência.

Agora Mendonça está recolhido à casa de saúde, sendo que o prazo previsto para que volte a andar é de 60 dias, e de 4 meses para que ganhe desembaraço normal. Mas é preciso aguardar um ano ou quase isso para ver se a reação dos tecidos à intervenção possibilitará a sua volta ao gramado.



# A REVISTA SESINHO

## NA OPINIÃO DE MESTRES E EDUCADORES

"Tendo dispensado atenta leitura a alguns exemplares de "Sesinho", posso externar com segurança o meu juízo de educador. Trata-se de revista cuja circulação entre educandos, as casas de ensino podem autorizar e mesmo recomendar, por isso que é um excelente auxiliar do ensino, mercê da orientação pedagógica e inteligente com que é redigida. Digna de aplausos e de louvor a intenção e a habilidade com que se alcança em cheio o seu duplo objetivo: educar, divertindo".

a.) BRENO VIANA, diretor do Ginásio "Nogueira da Gama", Guaratinguetá — Est. de São Paulo — 5-6-50.

\* \* \*

"Logo ao percorrer as interessantes páginas de "Sesinho" fiquei admirado pela boa apresentação da revista. Não há dúvida que todos os meninos que lêem a revista ficam encantados".

a.) IRMAO ROSARIO, c. c. Juvenato "Sagrado Coração" — Campanha — Sul de Minas — 29-1-50.

\* \* \*

"Agradeço o interessantíssimo exemplar de "Sesinho" e, exprimindo meus entusiásticos aplausos pela iniciativa, peço o favor de remeter outros exemplares para propaganda entre os alunos deste educandário".

a.) PADRE NORBERTO DIDONI — Colégio "São José". — Pouso Alegre — Minas — 1-3-50.

\* \* \*

"Examinando a revista "Sesinho" achei-a útil e interessante. Rogo-lhe, pois, a fineza de remeter-me, se possível, os números já publicados, e de incluir o nome do nosso Colégio na lista de seus assinantes".

a.) IRMÃ NAZARETH DA TRANSFIGURAÇÃO — Conceição do Mato Dentro — Minas — 5-2-50.

\* \* \*

"Chegou-nos às mãos um dos números da revista "Sesinho". Tendo-a apreciado grandemente, solicito o obséquio de enviar-me alguns exemplares, a fim de distribuí-los entre os alunos deste ginásio".

a.) JOÃO CAMARGO MONTEIRO — Diretor do Ginásio e Escola Técnica de Comércio "Barão de Antonina" — Mafra — Est. de Sta. Catarina — 27-1-50.

"Tendo lido com grande apreciação dois números da nova e interessante revista "Sesinho", venho pedir a V. S. a fineza de enviar-me outros números de propaganda. As crianças do curso primário irão gostar muitíssimo e certamente concorrerão para uma assinatura anual".

a.) IRMÃ HELENA (Filha da Caridade) — Diretora do Colégio "N. S. da Conceição" — Serro — Minas — 7-3-50.

\* \* \*

"Agradavelmente surpreendido pela oferta amável de tão bela quanto útil revista infantil como o é o "Sesinho", venho, por meio desta, solicitar-vos material de propaganda a ser feita aqui neste ginásio. Creio terá esta vossa revista farta aceitação, embora já circulem algumas do mesmo gênero. Em o "Sesinho", porém, há uma particularidade que não possuem as outras congêneres: talvez por isto tenha ela mais aceitação: é o colorido das figuras. Para a criança não há como a côr".

a.) IRMAO ROMANO — Ginásio "Santo Antônio" — Garibaldi — Rio Grande do Sul — 8-2-50.

\* \* \*

"Estou certa de que as crianças muito apreciarão esta revista, que visa educá-las, moral e intelectualmente".

a.) IRMÃ AFONSINA DE OLIVEIRA — Diretora das Classes, Anexas à Escola Normal N. S. de Nazaré" — Conselheiro Lafaiete — Minas — 8-2-50.

\* \* \*

"Agradecendo a honrosa oferta dessa interessante revista, pedimos a V. S. que nos remeta mais alguns exemplares, a fim de promovermos a sua difusão entre os estudantes deste estabelecimento".

a.) PEDRO FELICIO — Diretor da Escola Técnica de Comércio do Crato — Estado do Ceará — 1-2-50.

\* \* \*

"A revista "Sesinho" foi aceita com júbilo por parte de nossos alunos".

a.) IVONE FRANCOZO — Diretora do Curso Primário do Colégio Estadual e Escola Normal "Dr. Francisco Thomaz de Carvalho" — Casa Branca — Est. de São Paulo — 10-3-50.

# SESINHO

## REVISTA DA CRIANÇA INTELIGENTE

APARECE NOS DIAS 15 DE CADA MÊS

## DOIS CRUZEIROS

O EXEMPLAR EM TODO O BRASIL

# TORBIS

EXISTEM JOGADORES QUE LEVAM ANOS E ANOS PARA QUE O PÚBLICO DESCOBRA QUE ELLES EXISTEM



OUTROS COM APENAS UM JOGO TORNAM-SE FAMOSOS. EXEMPLO: O ZAGUEIRO TORBIS

TAMBÉM FOI UM JOGO QUE NINGUÉM MAIS ESQUECE: BOTAFOGO x S. CRISTOVAO.

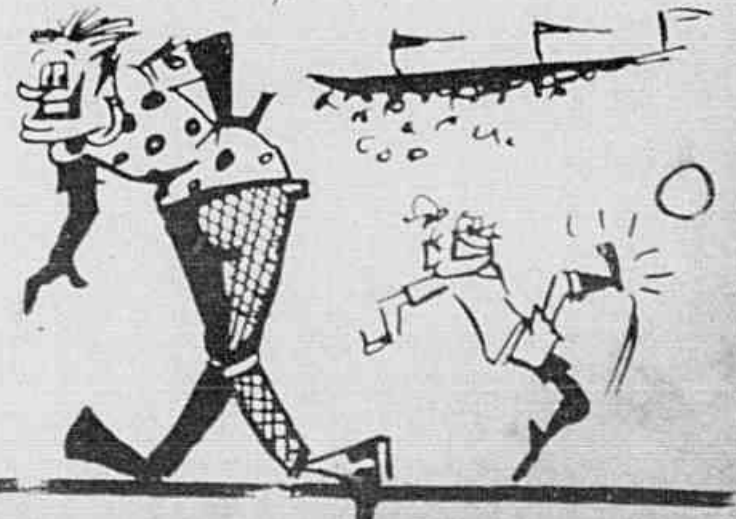
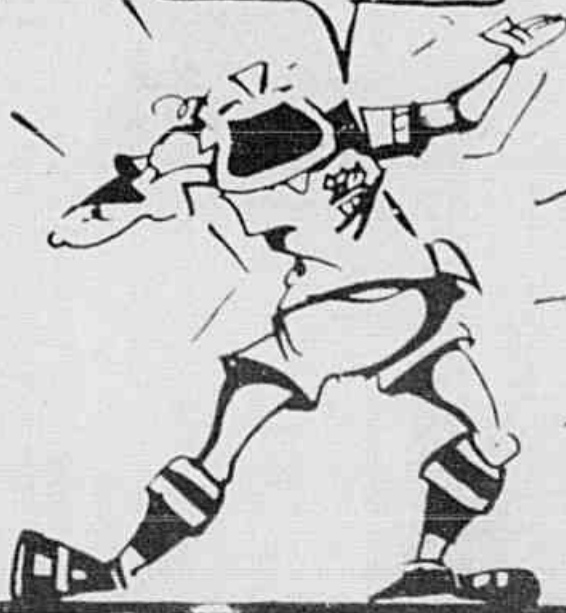


HOLIVE UM BARBARO "SURI-RLI" E TORBIS ANDOU BATENDO EM VALENTÕES FAMOSOS!

DISSERAM ATÉ QUE ELI MORDI A CARA DO SANTOS ...

MAS EU NÃO PODIA MORDER NINGUÉM... EU JOGO SEM A MINHA DENTADURA POSTIÇA ...

TORBIS VEIO DO RIO GRANDE DO SUL. É SARGENTO E ESTÁ SENDO COBIÇADO POR GRANDES CLUBES.



**TRIO FINAL DO BOTAFOGO**  
**OSWALDO, GERSON E SANTOS**

